

Textos

Jabs Paim Bandeira

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2013

Título : A diferença da água e do vinho

Categoria: Pensamentos

Descrição: A diferença que a água refresca o corpo e o vinho aquece a alma, coração e torna as palavras mais encantadoras.

A diferença que a água refresca o corpo e o vinho aquece a alma, coração e torna as palavras mais encantadoras.

O importante é viver nosso mundo, sem culpas, sem magoas. Viver nosso tempo, nossa época intensamente, agradecendo cada momento como fosse o único e derradeiro instante.

Viver é um eterno renascer

Os homens passam, suas ideias permanecem imortalizadas em nossa saudade e na história de sua gente.

O tempo trás o saber e as soluções para todos as indagações. (homenagem ao Dr. Jovino, 21/09/2001);

Data : 05/03/2004

Título : A Origem do gaúcho

Categoria: Artigos

Descrição: "O homem é um ser que floresce quando imerso em sua própria história".

A origem do gaúcho

“O homem é um ser que floresce quando imerso em sua própria história”.

“Nada é mais universal do que o regional.” - Cecília Meirelles.

Alguém já afirmou que, ser gaúcho, é um estado de espírito. Gaúcho pode vir a ser qualquer indivíduo que nasça fora do Rio Grande, basta cultivar nossos usos e costumes que seja nobre e de espírito honrado, que se comprometa com a palavra empenhada e, sobretudo, respeite a tradição, reverencie suas origens e ame este chão, berço de nossos heróis, pátria de nossas conquistas, relicário inesgotável de exemplo de coragem e civismo.

“O homem pampeano é uma cruz entre o índio, o negro e o europeu, mas só se tornou gaúcho quando se fundiu com o cavalo.”

Vamos iniciar nossa abordagem sobre o gaúcho, examinando, primeiramente a origem do vocábulo.

A origem da palavra gaúcho é muito discutida e tem sido causa de verdadeiras confusões. Os estudiosos e historiadores ainda não pacificaram a expressão.

Não é possível afirmar com segurança essa origem, apesar dos estudos já realizados por Buenaventura Caviglia Hijo, erudito escritor uruguaio, e pelos nossos conterrâneos, em especial Nelson de Senna e Augusto Meyer.

Vejam algumas hipóteses etimológicas: segundo Augusto Meyer o gaúcho deriva de “gauches”, palavra usada na Espanha para expressar sobre vagabundos ou ladrões do campo, acostumados a matar touros chimarrões (gado alçado), tirar-lhes o couro e levá-los ocultos para a venda ou troca com outros gêneros nos povoados. Ou então, o gaúcho deriva do árabe “chaucho”, como define Emilio Daireaux.

Já o professor Dudolfo Lens, estudioso da língua araucana, diz que é possível que a palavra venha do araucano “cachu” ou “cathu”, ou talvez “cauchu”, pois assim chamavam os índios da região o gaúcho. “Cauchu” é sinônimo de esperto, fino, arteiro e astuto. Tem muito a ver com o nosso campeiro, mas deixa a desejar por falta de testemunho histórico.

O historiador Paul Groussac, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, apresenta a tese de que o gaúcho vem de “guacho”, como chamamos os animais desamparados, criados longe das mães. Crousac admite a transposição por semelhança de guacho com gaúcho.

Mas, deixando as hipóteses e passando à história, a primeira palavra que aparece em forma literária é “gaudério”, designando um novo personagem do pampa. Homem sem lei, não sabe sua origem nem o porquê de gaudério. O que se sabe é que precedeu o gaúcho.

Segundo os estudiosos, gaudério é aquele que não tem ocupação, que vive à custa de outros. Aqui e ali, errante, sem destino certo. A expressão de teatino,

como sinônimo de gaudério, significa alguém sem dono e sem destino, parasita, vagabundo.

De gaúcho, em forma literária, há pelo menos dois registros:

O primeiro é que a palavra gaúcho aparece escrita em castelhano (gahuchos), numa carta que um comandante da fronteira, no Uruguai, Dom Pablo Carbone, escreveu à Espanha, em 1771.

O segundo aparece em documentos uruguaiois no século XVIII. Manuel Cipriano de Melo, segundo comandante da aduana de Montevideo, após uma expedição às fronteiras do Uruguai, descreveu em breve informe: “Os dezoito presos que compreendem esta relação são gaúchos vagos, que foram presos por vadiagem. Parada de Sam Nicolas de Cerro Largo, 24 de março de 1791”.

A formação do gaúcho

Após a destruição das reduções jesuíticas, os rebanhos chimarrões (gado doméstico que se tornou selvagem), se espalharam pelo território, tornando-se atrações para índios, assim como para aventureiros paulistas e europeus.

Com já afirmamos anteriormente, o homem pampeano é uma cruz do negro, do índio e do europeu do qual, ao se fundir com o cavalo, nasceu o gaúcho.

Assim sendo, nesta época, os que se procurava em terras americanas eram minerais, muito escassos no pampa. Maso gado veio alimentar as esperanças perdidas dos aventureiros, que encontraram uma nova riqueza, o couro e o sebo.

Esse tipo de gente era composto de marinheiros, soldados, que vieram na busca de novos horizontes e fortuna fácil; de alemães, ingleses, franceses, holandeses, italianos, com predomínio dos povos ibéricos (Espanha e Portugal) e do negro, emigrante forçado e escravizado.

Esses aventureiros faziam parte de uma população predominantemente masculina. O pampa era percorrido no começo da época colonial, por homens isolados, indivíduos sem lei e sem Deus, dedicados à caça dos rebanhos vacuns, cavalares e muares.

Nessa época, o homem era tudo, a mulher ocupava um lugar secundário.

A mulher branca, em número reduzido no pampa, um espécime raro, foi uma das razões da existência da miscigenação, geralmente entre homens brancos e mulheres índias. Gerou-se, com isso, o mestiço (cafuso). Já do abuso de amos brancos, com suas escravas negras, nasceu o mulato. Enquanto, o acasalamento entre a mulher índia e o negro, fez nascer o mameluco.

Assim, o mundo começou a testemunhar o nascimento de um tipo essencialmente americano, nem índio, nem português, nem espanhol, mas na verdade, o gaúcho.

Já pelos idos de 1750, essa nova raça, comandada por homens de posse, os rebeldes (deserdados da sorte, ladrões, assassinos, desertores, índios,

aventureiros e mestiços), começou a desenvolver as seguintes habilidades: resistência física, habilidade com armas, equitação própria, uso de recursos naturais do campo, uso de instrumentos, como laço, boleadeira, garrucha e encilha adequada, indumentária adaptada (do branco e do índio) e, sobretudo, uma coragem seca e áspera, de acordo com a vida que levavam.

Assim foi o estágio: dos quateiros (ladrões do campo); do changueador (fazia pequenos serviços no campo); do gaudério (sem paradeiro fixo), e, finalmente: do gaúcho!

O gaúcho na atualidade

É um novo homem, esmerilhado como pedra bruta, lapidado pelo tempo e sofrimento. Nasce uma raça forjada no pampa, que se confunde com a natureza, pela beleza da alma, firmeza de caráter e bondade de sentimento, aliadas à rusticidade, em que se destaca a sua perfeita sintonia com o cavalo (entendendo o animal e se fazendo entender, até mesmo pelo pensamento).

Vejamos a descrição do gaúcho, na expressão de Gaspar Silveira Martins:

“Recebeu a luz da vida... Foi marcado no berço pelo esplendor das alturas. Sua existência haveria de guardar o nível das montanhas.”

Em relação aos cavalos

Os primeiros exemplares chegaram em 1516. Já o gado chegou no ano de 1617.

Eis o gaúcho, cuja lenda é retratada na maior obra literária sobre ele, que é o clássico *Martin Fierro*, do argentino Jose Hernández:

“Y atientam la reacción
que hace un gaucho perseguido,
que padre y há sido
empenhoso e diligente,
y sim embargo la gente
lo tiene por um bandido.”

Ou ainda, na obra *ANTONIO CHIMANGO*, do gaúcho Amaro Juvenal, conselhos a Borges de Medeiros, que inicia assim:

“Ao Rio Grande:
Velho gaúcho, insaciável
De fazer aos mandões guerra,
Nestas páginas encerra
Por um pendor invencível,
Seu amor, incorrigível,
As tradições desta terra.”

Palestra realizada no dia 05/03/2004 para os formandos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 06/08/2007

Título : Água da Fonte

Categoria: Artigos

Descrição: Já está circulando a revista de n.5, Água da Fonte, da Academia Passofundense de Letras, com interessantes artigos,...

Água da Fonte

Já está circulando a revista de n.5, Água da Fonte, da Academia Passofundense de Letras, com interessantes artigos, lá escrevi em versos, uma Ode ao Sesquicentenário de Passo Fundo, em dois cantos descrevendo parte da nossa história. É um resumo dos últimos 50 anos, que se fala dos meios de comunicação, das revoluções, da construção de Passo Fundo, das parteiras, cabelereiras, Iara Lucas, Fusca Verdeolívia, Jussara Rossi, Teixerinha, Carula, Maroca, Mesa Um, Boca, Café Paris, Café Elite, Semeato, Padre Jacques, advogados, intelectuais etc.. Sobre os dois Jornais, que dividiam as opiniões em Passo Fundo escrevi: Dois jornais na cidade/ Um era O Nacional/ Verdadeiro Memorial/ Que defendia opinião/ Veio o Diário da Manhã, o co-irmão/ Tão forte como um farol./- Duas opiniões, duas posições/O azeite e vinho/ Dividiam carinho/ Dos leitores fiéis/ Duas mãos- dois anéis/ Forjados em rocha - não no pinho./- D'um lado Múcio de Castro/ Hábil, político e jornalista/ Sem jamais baixar a crista/ N'O Nacional escrevia suas considerações/ Um autentico ativista./- No Diário da Manhã/ Túlio Fontoura um paredão/ Inteligente, combativo, na verdade um leão/ Defendia o que acreditava/ Não ficava na defesa, ele também atacava/ Era bom na pena, no revolver e no facão./- Duas vertentes, dois marcos/ Legados de herança definida/ Já se foram dessa vida/ Restaram seus ensinamentos/ Dois jornais, dois portentos/ Neles nossa história é conhecida./- É uma pequena palhinha, aqueles que fizeram parte da história de nossa terra, poderão ler e ver seus nomes, nas paginas da Água da Fonte!

06/08/2007

Jabs Paim Bandeira

Data : 30/11/2004

Título : Alguns princípios e indagações que recolhemos ao longo da vida:

Categoria: Pensamentos

Descrição: Amigo não se encilha, nem se pede explicação.

Alguns princípios e indagações que recolhemos ao longo da vida:

- Amigo não se encilha, nem se pede explicação.
- O amor é para ser vivido, permutado e exercitado permanentemente.
- Não reclames da vida! Para cada situação, existe uma explicação. E, muitas vezes, outro belo caminho nos espera.
- Faze de tudo para resolver uma situação. Se não conseguires, resolvido está. Deixa nas mãos de Deus!
- Não queiras ser o dono da verdade, pois ela é um condomínio. Mesmo porque "A dúvida é a verdade dos loucos".
- O mar é grande e poderoso. E, por ser humilde, está sempre, geograficamente, abaixo das montanhas e dos rios.
- Os rios chegam ao mar porque desviam as montanhas.
- Seja paciente, mas não lerdo!
- Não tenhas só compaixão, faze algo de concreto para melhorar a vida do próximo.
- De nada valem as boas ações, se não tentares com vigor resolver a situação.
- O dia de festa é lugar de plantar alegria, e não de abrigar a violência ou discussão.
- No momento da refeição, à mesa, como na cama, é lugar para afeição, amor e entendimento.
- Jamais discuta ou seja grosseiro com seu convidado, seja ele quem for.
- Depois de um acontecimento, seja grave ou não, nunca exasperes o faltoso, o qual queiras bem, com longas e cansativas admoestações; procura apenas curar a ferida, pois, arranhando-a, poderás transformá-la em câncer. Todos nós estamos sujeitos a errar.
- Nunca encurrele uma pessoa; sempre deixe uma saída, pois a pessoa encurralada poderá se alucinar e, aí, tudo pode acontecer.
- No dia de comemoração, em reunião com a família, ou com amigos, não deve haver discussão, mas aproximação e entendimento.
- Os dias mais especiais, como o Natal, a Páscoa, o Primeiro do Ano, não devemos esquecer que são momentos de confraternização e de exercitar o bem-querer. Jamais use de grosserias ou de soberba; preserve o equilíbrio, a alegria e a paz.
- A gratidão não é uma obrigação, portanto, não exija. Ela brota de poucos e espontaneamente. Caso espere de todos, ficará desapontado!
- Continua fazendo o bem e praticando uma boa ação, embora não sejas compreendido.
- O bem sempre sobrepujará o mal, embora custe um pouco.
- Dois erros não fazem um acerto.
- Não procures defeitos nas pessoas. Começa por suas qualidades.
- A vida não é só perfeição, mas para se viver, devemos procurar entender as diferenças, as razões e o significado das mesmas.
- Não devemos construir valas ou abismos, mas edificar pontes, de entendimento e compreensão.
- Aconselhar é fácil, dizer como fazer, também. O difícil é se colocar no lugar do aconselhado.

- Não adianta buscar só as causas, mas as razões intrínsecas e extrínsecas que levaram ao desespero.
- A vingança não é um prato saboroso, nem a melhor escolha.
- Lembre-se que o infinito fica logo ali, e que existe também o além do infinito.
- Nada existe, nada se alcança, nada se consegue, a não ser pela benção e permissão de Deus, cujo amor por todos nós transcende a nossa lógica e o nosso entendimento. E isto só podemos compreender quando estamos sem saída. Aí aparece Deus...

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004
Título : Amor Falado
Categoria: Poesia
Descrição: Ouço ainda o teu gemido Vibrando no meu ouvido,

Amor Falado

Ouço ainda o teu gemido
Vibrando no meu ouvido,
Uma maneira de grilar.
Embora eu te abafando.
Tu estavas soletrando
A versão do verbo amar.

E, na ânsia produzida.
Por mim foste conduzida
Ao cansaço esperado,
Abraçando o meu corpo,
Ofereceste então o sopro
De fazer amor falado,

E foi nesse vai e vem,
Que paraste, como convém.
Depois, depois do ato praticado.
Beijando meu corpo nu
Recolhendo o sal cru.
Em tuas entranhas fui achado!

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 20/01/2015

Título : AS AVENTURAS DO TIÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Tião era um mulato gaudério que viveu no interior de Passo Fundo, por vezes no Butiá, outras horas na Fazenda Annoni. Vivia de changa, de internada em internada.

AS AVENTURAS DO TIÃO

Tião era um mulato gaudério que viveu no interior de Passo Fundo, por vezes no Butiá, outras horas na Fazenda Annoni. Vivia de changa, de internada em internada.

Domador por excelência, na lida do gado era imbatível. Trovador, declamador sem igual, uma espécie de Orlei Caraméz, numa mescla com Pedro Ribeiro da Luz.

Não permanecia muito tempo numa querência, o gaudério era um teatino. Cumpria o que prometia fazer, recebia os trocos e deitava o cabelo, seguindo para outro rumo, onde achava que a sorte seria parceira.

Namorado de primeira gostava de um bochincho, era o primeiro que chegava e o último que saía, sempre acompanhado de uma bela rapariga.

Usava e abusava de uma série de dito popular, uns recolhidos do folclore, outros de sua cepa, de sua cabeça. Tais como, “ buenas aqui me acho, rasgando calça de china, quebrando guampa de macho”, ou então “ Tu de lá e eu de cá, com uma parede no meio, tu de lá dá um suspiro e eu daqui te finco o reio”.

Sempre tinha um dito popular, na ponta da língua, como esta definição: “a mini saia é como cerca de arame, delimita a propriedade, mas não tira a visão”.

E assim ia, de charla em charla, procurando o que fazer uma namorada ou um bom fandango. Não era provocador, mas uma vez provocado, não deixava pedra sobre pedra, lutava muito bem, usando do relho com maestria, na verdade era um mango trançado, tipo jibóia.

Certa ocasião apareceu um cidadão a cavalo, puxando duas mulas, com brucacas sobre o lombo, lá pelas bandas do Natalino. Buscava um companheiro de viagem, pois necessitava levar certa carga para São Borja, pois tinha que pegar a balsa para Santo Tomé, na Argentina, seu destino final.

Esta pessoa que ele procurava tinha que ser valente. Apareceu um caboclo dizendo para o visitante: Olha tem o negro Tião, que está para as os lados da Fazenda Annoni. Mas só tem uma porém, ele é valente só quando é provocado, caso contrário é uma verdadeira moça, como as internas do Notre Dame.

O Tião só briga e briga bem, quando se metem com ele, caso contrário, não luta, é um amante da paz, chega até ser romântico. O visitante pensou um pouco e concordou fazer a proposta para Tião.

Mandaram um recado, ele apareceu, tratou como iria receber os merréis pela empreitada, acompanhando o forasteiro.

Depois se soube que era um carregamento de ouro que esse tal ia levando. Alçaram a perna nos pingos e saíram de madrugada, sendo o primeiro pouso

em Pulador, pois teriam que passar pela cidade de Passo Fundo, para pegarem alguma provisão.

Ao chegar no Pulador, pararam a beira de um riacho, ou de um alagado, em uma clareira. Fizeram fogo, botaram a água esquentar para o chimarrão, enquanto picavam o charque, e fumavam um palheiro, para espantar os pernilongos. De repente são cercados por seis homens, mal encarados, a cavalo.

Pegaram o visitante e deram um camaçada de relhaço, deixando desacordado. Enquanto isto, o Tião, picava com uma faca o fumo, para o palheiro, ou limpava as unhas, acocado junto ao fogo. Os assaltantes, montaram a cavalo, pegaram as mulas e as montarias do viajante.

E já estavam saindo, quando um dos assaltantes disse: mas que negro ordinário, o patrão toma uma surra, e este monte nem se mexe. Apearam dos cavalos e foram para cima do Tião.

Mas foi a luta, sem igual, mais linda de se vê. Em 20 minutos, todos os seis assaltantes, estavam imobilizados, fora de combate, nunca tinham apanhado tanto, em tão pouco tempo, de um homem só.

O patrão voltou a si, exclamando, você esperou quase me matarem para reagir.

O Tião emendou: eu só brigo quando provocado, foi o nosso trato.

Quantos Tiãos só brigam quando provocados?

Passo Fundo, 20/01/2015

Data : 30/11/2013

Título : As pedras

Categoria: Pensamentos

Descrição: Vivo muito mais do incentivo que conquisto e daquilo que realmente faço com prazer de servir... do que das pedras que me arremessam.

Vivo muito mais do incentivo que conquisto e daquilo que realmente faço com prazer de servir... do que das pedras que me arremessam.

Estas até me atingem, mas não me afastam dos meus objetivos.

Embora eu as recolha uma a uma, na esperança de construir uma Catedral.

E no seu interior produza o milagre da beleza da memória da gratidão, daquilo que damos e em algum momento recebemos... chamado: o perfume da alma, num afeto de amor..

Data : 31/05/2011

Título : Cinqüentenário da Faculdade de Agronomia

Categoria: Artigos

Descrição: Ao ler o artigo do Professor Elmar Floss, em O Nacional, focalizando o início da Faculdade de Agronomia...

Cinqüentenário da Faculdade de Agronomia

JABS PAIM BANDEIRA

Ao ler o artigo do Professor Elmar Floss, em O Nacional, focalizando o início da Faculdade de Agronomia, e os benefícios proporcionados por esta casa de ensino à nossa agricultura, principal riqueza e mola propulsora de nosso estado e país, dei-me conta dos seus cinqüenta anos de criação.

Ao homenagear a Faculdade, relato alguns acontecimentos de ciência própria, por haver participado, e outros de informação, como os que passo para a população mais jovem conhecer, além da luta para implantação do ensino superior, elevando o nível cultuai do município e, beneficiando tantas pessoas com nossa UPF.

Registrando para história, faço justiça àqueles esquecidos no limbo do tempo, os iniciadores dessa magistral construção do saber.

Nem tudo no início eram flores. Quem vê a obra acabada não imagina o sacrifício despendido pelos obreiros dessa edificação. Fiel aos acontecimentos tento resgatar a memória dos construtores de nossas faculdades, cuja colheita nós usufruímos.

Muitos desconhecem a beleza do espólio legado por César Santos e Reissoly José dos Santos, construtores e engenheiros dessas obras. Trago o relato de Pericles de Freitas Druck, presidente do complexo Habitasul, quando repórter do Correio do Povo e em homenagem que lhe prestamos, pela reportagem sobre a futura Universidade de P Fundo.

Era eu presidente do C. A. João Carlos Machado, da Faculdade de Direito. Em jantar no antigo Maracanã, disse Pericles: Estou constrangido, pois vocês estão me homenageando, e eu fui um dos que baguncei a reunião do C. Federal de Educação, quando discutia a licença para a criação da Faculdade de Agronomia. Não tenho certeza se Pericles mencionou o Irmão Otão, reitor da PUC, ou o Dr. Paglioli, da Universidade Federal, que convidou um grupo de universitários para ir ao R. de Janeiro, com tudo pago, para impedir a aprovação da Faculdade no Conselho.

Com a criação de faculdades, as verbas federais para a educação diminuiriam, divididas com outras universidades. Pericles integrou este grupo. Fizeram horrores. Alguns quebraram cadeiras nas costas do Dr. Reissoly, que sustentava a criação da faculdade, lutando como um leão por suas idéias. A sessão foi interrompida, serenado os ânimos. Reiniciada, aprovaram a criação. Outro fato foi o movimento liderado por diversas pessoas e por religiosos, para uma intervenção na Sociedade Pró-Universidade (SPU), dirigida pelos irmãos Santos (César e Reissoly). O movimento foi incorporado por universitários, em sua maioria estudantes de Agronomia que, em manifesto, pediam a intervenção na SPU e o fechamento da Faculdade de Agronomia. Houve debates, com programas na Rádio Passo Fundo e pelos jornais. Como presidente do CA, do Direito, eu era contra a intervenção e o fechamento da Agronomia. Nosso programa era às 13:30 horas, enquanto o deles, às 13 horas, composições firmes e apaixonadas de ambos os lados.

Veio a revolução, com ela a inteivenção na SPU e. logo após, o fechamento da Faculdade de Agronomia, agora nas mãos do interventor. Para assar o porco, colocaram fogo na casa. Em parte, por questões ideológicas. Mais tarde foi

reaberta. A primeira construção no campus foi o prédio da Agronomia. O imóvel foi adquirido, na gestão dos irmãos Santos, do Dr. Antônio Bitencourt de Azambuja que vendeu uma parte do imóvel e, por assédio do Dr. Reissoly. Doou os outros 50% da área. O engenheiro, construtor e mestre de obras foi o Dr. Reissoly, na época Juiz de Direito. A mão de obra foi dos presidiários. Como a usada na construção dos prédios da Avenida Brasil, da Faculdade de Direito, de Odontologia e das Belas Artes.

(Jabs Paim Bandeira é advogado, empresário, membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 30/11/2013
Título : Crime
Categoria: Pensamentos
Descrição: Não há uma justificção para o crime.

Não há uma justificção para o crime. Mas uma justa explicação para o desespero.

Data : 08/01/2008
Título : Depois de Algum Tempo
Categoria: Poesia
Descrição: Encontrei um texto filosófico do mestre William Shakespeare, (Ano:1564/1616) que passo aos leitores

Depois de Algum Tempo
Encontrei um texto filosófico do mestre William Shakespeare,
(Ano:1564/1616) que passo aos leitores:

“Depois de algum tempo você aprende a diferença, sutil, entre dar a mão e acorrentar uma alma. Aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança. E começa a aprender que beijos não são contratos e que presentes não são promessas. E começa a aceitar as derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com graça de adulto e não com a tristeza de uma criança. Aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno do amanhã é incerto, e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão. Depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar exposto por muito tempo. E aceita que não importa quanto seja boa a pessoa, ela vai feri-lo

de vez em quando e você precisa perdoá-la. Aprende que falar pode aliviar dores emocionais. Aprende-se que leva-se anos para construir confiança e apenas segundo para destruí-la, e que você pode fazer coisas em um instante e se arrependerá pelo resto da vida. Aprende que verdadeiras amizades continuam crescer mesmo a longas distâncias. E o que importa não é o que você tem na sua vida, mas o que você tem da vida. Aprende que não temos de mudar de amigos se compreendermos que os amigos mudam.... Descobre que as pessoas quem você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa - por isso, sempre devemos deixar a quem amamos com palavras amorosas, pode ser a última vez que a vejamos. Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm influência sobre nós, mas somos responsáveis por nós mesmos. Começa aprender que não se deve comparar com os outros, mas com nós mesmos. Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que se quer ser, e que o tempo é curto. Aprende que não importa onde já chegou, mas onde se está indo, se não sabe para onde ir qualquer lugar serve. Aprende que, ou você controla seus atos ou eles o controlarão, e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja a situação, sempre existem dois lados. Aprende que heróis são as pessoas que fizeram o que era necessário, enfrentando as consequências. Aprende que a paciência requer muita prática. Descobre que algumas vezes, a pessoa que você espera que o chute quando você cai, é das poucas que o ajudam a levantar-se. Aprende que há maturidade tem mais a ver com os tipos de experiências que se teve e o que aprendeu com elas, do que os aniversários que você celebrou. Aprende que há mais de seus pais em você do que supunha. Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, seria uma tragédia se ela acredita-se nisso. Aprende que quando está com raiva tem esse direito, mas não te dá o direito de ser cruel. Descobre que alguém não o ama do jeito que você quer, não significa que não o ama com tudo o que pode, pois existem pessoas que nos amam, mas não sabem como demonstrar ou viver isso. Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, algumas vezes tem de aprender a perdoar a si mesmo. Aprende que com a mesma severidade que julga, você será em algum momento condenado. Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára pra que você o conserte. Aprenda que o tempo não é algo que possa voltar para trás. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores. E você aprende que realmente pode suportar...que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais. E que realmente a vida tem valor e você tem valor diante da vida”.

Feliz 2008!

Postado há 8th January 2008 por Jabs Paim Bandeira

Data : 30/11/2013

Título : Edificando o Rio Grande

Categoria: Artigos

Descrição: A governadora Yeda Crusius foi a engenheira e a operária das finanças públicas do Estado...

A governadora Yeda Crusius foi a engenheira e a operária das finanças públicas do Estado, reedificando o edifício de ruínas que herdou, pois tal situação famélica do Rio Grande, legado de tantos governos que a antecederam, os quais por falta de coragem e acomodação política, continuaram a levar com a barriga uma situação que requeria, um tomada de posição enérgica e responsável. Foi o que a governadora fez, com sacrifício pessoal e sem imediatismo, como o povo consciente esperava que alguém se comprometesse com os interesses do Estado, ante as acomodações pessoais, partidárias e ideológicas, protegendo classe e de grupos, mas visando o bem comum e de todos. As suas convicções superaram o medo e a intriga, lutou contra forças poderosas, enfrentou a mentira, a imprensa marrom e o império dos pelegos e dos sindicatos que hoje, também, governam e se aproveitam da riqueza deste país. Já se vê no horizonte, depois de tantos embates, as nuvens se dissipando, podendo saborear algumas vitórias, que não foram dela somente, mas do Rio Grande, que continua a penar sem políticos sérios que se preocupem com a governabilidade e o bem do povo.

Data : 30/11/2013

Título : Envelhecer

Categoria: Pensamentos

Descrição: O homem só envelhece quando deixa de amar.

O homem só envelhece quando deixa de amar.

A juventude eterniza-se quando transformamos nosso sonho em realidade palpável, possuindo e sendo possuído pelo coração de uma mulher.

Data : 02/12/2014

Título : ESTOU COMPRANDO UMA BICICLETA

Categoria: Crônicas

Descrição: Por muitos anos quando era menino e, depois adolescente tive como locomoção e transporte de encomendas a bicicleta.

ESTOU COMPRANDO UMA BICICLETA!

Por muitos anos quando era menino e, depois adolescente tive como locomoção e transporte de encomendas a bicicleta. As que comprei, eram de quinta mão, sempre estragando uma coisa, ou outra, quando não era o pneu, era a correia, senão a catraca, me deixando empenhado. Então buscava um barzinho para deixá-la e prosseguia a pé.

Isto acontecia ao ir para o Instituto Educacional, onde estudava a noite, quando a bici estragava, não poderia voltar para guardá-la. Naquela época não havia transporte coletivo, era caminhando ou de bicicleta. Tinha um colega, o Atilio Giaretta, que vinha de Coxilha até ao IE, num velho trator, valia tudo, mas a maioria transitava a pé.

O movimento nas ruas era uma maravilha, poucos carros e quase nenhuma moto. Eu trabalhava na Savag, uma companhia aérea, cujo escritório, era onde funcionou por muito tempo a Nosleg, na Avenida Gal. Neto, prédio do Dr. Jovino Freitas, no qual o mesmo residia em um apartamento naquele prédio.

Meu trabalho era entregar as encomendas nos seus destinos. Para realizar mais rápido minhas tarefas, comprei uma bicicleta velha, com isto ganhava tempo e, podia exercer outras funções, como atender

no balcão e às vezes de despachante e, colocação de lampiões na pista do aeroporto de São Miguel (Aeroclube), em dia de chuva. Saia do trabalho de bici, pelas 18h00min., então freqüentava a aula de datilografia, na Av. Brasil, em frente da hoje Panvel, até as 19h00min., saindo para as aulas no IE, iniciando as 19h30min. e terminando às 22h30min ou 23:00 horas. Muitas vezes chegava atrasado, quando quebrava a bicicleta.

Jantava na volta, ao chegar em casa. Tempos duros, mas deliciosos, pois ia me forjando para a luta, diminuindo minhas limitações e aprimorando meus conhecimentos. Com o propósito de jamais desistir, fosse qual fosse o obstáculo, superando a tentação de matar aula para ir ao cinema, a convite das colegas. Fazendo chuva ou frio, cumpria aquele ritual de segunda a sexta feira, durante o dia no trabalho, a noite colégio. Às vezes saia no recreio para dirigir e dar palestra nas reuniões dos Escoteiros Guaranis, onde fui chefe por muito tempo.

De modo que a bicicleta me acompanhou dos meus 14 até aos 20 anos, apenas para o trabalho e o estudo. Aos 30 anos adquiri uma nova para passeio e exercitar-me. A bicicleta humaniza o trânsito, diminui a distância, otimiza as relações, aproximando pessoas. Hoje em Nova York existem mais de 70 mil bicicletas, usadas para o transporte pessoal nas ciclovias, onde na sua extensão margeiam bares e lancherias para os usuários, que ao apresenta seus capacetes, conseguem desconto nos lanches, em até 50%.

Naqueles estabelecimentos comercializam peças e acessórios para os ciclistas. O prefeito Luciano Azevedo, cuja administração merece o respeito da população e nosso aplauso, pois encontrou a cidade com muita coisa básica a ser feita, realiza na medida do possível importantes obras e melhorias. Entre as quais podemos destacar o projeto para a recuperação da Gare, aberturas de ruas e recuperação do asfalto, creches, inclusive noturnas, distribuição de medicamentos nas vilas, fartas merendas para alunos do ensino municipal, com implantação dos uniformes.

Agora vem criar as ciclovias na Avenida Brasil. Estes meritórios projetos de nosso jovem prefeito valorizam e facilitam o modo de viver da população através de obras para o bem estar de todos.

Agora, com a ciclovia sendo uma realidade, estou procurando uma bicicleta pra comprar, a fim de usufruir dessas obras, cuja utilização pelos ciclistas cresce dia a dia. As ciclovias ganharam espaço nas maiores cidades do mundo. Menos poluição e mais direito a vida, ajudando também no respeito ao trânsito pelos motoristas e pedestres! Muitos utilizarão da bicicleta para o trabalho, estudos e passeio. P.S. - Aviso aos navegantes: Acredito que em breve a prefeitura irá

iluminar melhor as ciclovias e as ruas de nossa cidade, pois estão merecendo, transformá-la na cidade luz!

Passo Fundo, 02/12/2014

Data : 30/04/2012

Título : Eu e meu Cavalo

Categoria: Poesia

Descrição: Sou homem de montar a cavalo. E tropeirar lembranças,

Sou homem de montar a cavalo.
E tropeirar lembranças,
Que faço em minhas andanças,
Tendo como assento o lombilho,
Do meu pingo douradilho,
Para semear esperanças.

Mantenho uma tropilha,
De crioulos bem domados,
Que se monta de qualquer lado,
Descendente de Horneiro,
Ou do Junco ou do Faceiro,
Com o sangue comediante no costado!

Nas cavalgadas ou nos desfiles,
A passito nas estradas,
Vou fazendo alvoradas.
Num encontro com a humanidade,
Vou mexendo com minha saudade ,
Que faço reviver em cada parada!

Troco de montaria,
Mas não troco de ideal,
Desfilando em bagual,
Faço o acontecimento.
Não sou índio de momento,
Sou gaúcho sem igual.

Faço pátrias gineteando,
Embucalando a vida,
Na forma mais decidida.
Reiventando o próprio tempo,
Eu sou o acontecimento,
A chegada e a partida.

Não sou de mudar de rumo,

Tenho a direção certa,
Nem um índio me aperta.
Na lida sou soberano,
Briguei com branco e moreno,
Desafiado, fico alerta!

Sou letra de cantoria,
Sou a música do vento,
O som eu mesmo que invento.
Na letra da poesia,
Invoco a Ave Maria,
A terra e meu acampamento.

Sendo a força do minuano,
Redemoinho de carinho,
Eu nunca ando sozinho,
Na luta pela liberdade.
O que tenho, na verdade,
É Deus como meu padrinho

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 26/01/2008

Título : HOMEM INDIGENTE

Categoria: Poesia

Descrição: Restou um vazio, Na voz que desperta

HOMEM INDIGENTE

Restou um vazio,
Na voz que desperta.
Na hora incerta,
Anunciou novo dia.
O Sol escaldante que lhe envolvia,
Teimava a aquecer
Com todo o saber,
A verdade sorria!

E assim que se fez,
Num momento a calhar,
No mesmo cantar
Num penhasco infinito,
O eco contido,
Das vozes a repetir,
Com que estava escrito.

O tempo passou.
Não chegou o porvir,
O Universo a sorrir,
Na igual vertente.
Do homem indigente,
Que pede um pão,
Implorando com a mão,
N'um choro inocente!

A mesma desídia,
De toda a humanidade.
Que nega a verdade,
Não pedindo perdão,
As súplicas em vão,
Nos fazem pensar,
Um Deus a pregar
Que somos irmãos!

Lá se vão muitos anos,
Com o mesmo desamor,
Embora o Salvador
Tenha morrido na cruz,
Vindo para trazer a luz.
E também para nos salvar,
Porque negamos a escutar,
As palavras de Jesus?

Todos somos iguais,
Tem que haver fraternidade,
Pra uns só fatalidade,
É o próprio inferno,
Em cada inverno.
O que lhes espera
É pobreza e miséria,
Sofrimento eterno.

Deve haver uma estrela,
Que seja ascendente,
Nesse mundo feito de gente,
Mostrando confiança,
No milagre que alcança,
Nos homens de Deus,
Não somos ateus,
Criador - devolva a esperança!

Data : 30/11/2012

Título : Ivo Paim: quem foi?

Categoria: Artigos

Descrição: O que Ivo Paim representou para o nosso folclore? – Ele foi um precursor e semeador do tradicionalismo.

JABS PAIM BANDEIRA

O que Ivo Paim representou para o nosso folclore? – Ele foi um precursor e semeador do tradicionalismo. Por onde passou, seus rastros fizeram brotar eloquentes estrofes da tradição de nosso amado pago, dedilhando um violão, ou no emblemático cancionero, retratado na retumbante voz e na melodia do Negrinho do Pastoreio.

Em cada lugar que palmilhava, deixava uma sementinha, quando não regava, com seu entusiasmo de menestrel, ou sua verve de artista, o canteiro fértil da terra. Nele brotavam as plantinhas, cultuando os feitos de nossos antepassados, já arraigados, taludos e difundidos nas mais diversas querências da pátria gaúcha. Antecipou, como visionário, o que seria nosso movimento cultural disseminado por outros estados em exterior.

Ivo iniciou a semeadura de nossas tradições aqui em Passo Fundo, fazendo em prosa e verso, através de músicas gauchescas instrumentadas, e em parceria com artistas da terra. Descobriu e deu vida aos “Manos Limas”, escondidos e esquecidos por falta de oportunidades, como também a Rômulo Goelzer, Serraninho, Rancho Velho, Orlando e Alfredinho, Paim Fingido da Sanfona, maestro Jacques, dona Mercedes, Dino Bertoglio, ou ainda, a um Célio Barbosa, no piston!

Primeiramente, Ivo trabalhava na Estação Rodoviária, tendo um bar e um armazém, na rua Lava-Pés, esquina com a rua Benjamin Constant, onde, ao anoitecer, reunia cantores, trovadores, violeiros e gaiteiros. Entre eles, Setembrino R. da Silva, Fábio Lima e seus irmãos, Iray Paim Varella, Vicente Ribeiro, depois chamado “Garoto de Ouro”, o maior repentista do Brasil, e tantos outros valores, que transformavam em palco, a cancha de bocha, transformavam em palco, na esperança de brilharem em locais melhor estruturados, recebendo o aplauso e o calor do público. Era um sonho, que acabou, mais tarde, sendo real.

Nesta época, eram muito raras as músicas do nativismo gaúcho, a não ser algumas recolhidas no folclore, desgarradas e esparsas. As mais conhecidas e executadas eram as sertanejas paulistas, que exerciam especial influência em nosso público, como as letras de “Cavalo Preto”, e depois as de Pedro Raimundo, que era catarinense, com o “Adeus, Mariana”, que ganhou intérpretes e passou a ser executada como se gaúcha fosse.

Ivo então criou conjuntos musicais, compostos, primeiramente, por ele e seus primos Irai Varella e Jacy Varella, os quais faziam shows, incentivando outras parcerias. Algum tempo se passou, até poderem divulgar a prata da casa, quando Ivo criou e comandou dois programas na Rádio Passo Fundo. Um pela manhã: “Amanhecer no Rio Grande”; e outro à tarde, além de apresentações em clubes da cidade e no interior.

Com a fundação do CTG Lalau Miranda, ele passou a ser um dos integrantes ativos, como Posteiro, apresentando no CTG, aos domingos, o programa

radiofônico das 13 horas. No palco, nossos artistas e alguns de outras querências.

As invernadas artísticas do Lalau eram comandadas por ele, que se tornou um exímio professor de danças recolhidas de nosso folclore e de além-mar.

Em 1954, levou o Lalau a se apresentar no Rio de Janeiro, no programa Papel Carbono. Fez também grande sucesso, no programa de Renato Murci, tornando o Lalau conhecido em todo o Brasil.

Ele e sua esposa Carmela faziam uma dupla afinada. Ela mandava costurar e engomar os vestidos para as prendas da invernada.

Neste meio tempo, Ivo passou a ser funcionário da Caixa Federal e, mais tarde, tesoureiro do grupo. Introduziu a dança da chula, sendo professor de seu filho Alfredo, o Dinho, do sobrinho Delger Xavier e do João Pereira, filho do Delegado Firmino Pereira. João foi campeão de chula do Rio Grande do Sul.

Ivo também formou dupla com sua filha Marlene e com Nelci Paim, sobrinha do grande e campeoníssimo trovador, Pedro Ribeiro da Luz, fazendo muito sucesso. Nesse meio tempo, Teixerinha veio de Soledade, com “um tiro ao alvo”, instalando-se na Avenida Brasil. Aqui procurou o Ivo, que começou a auxiliá-lo, cedendo-lhe o programa da tardinha, na Rádio Passo Fundo.

Colaborou com Teixerinha, para que o mesmo vivesse mais condignamente com sua família, nesta cidade, onde residia na rua Bororós, abaixo da gare. Teve a iniciativa de custear a viagem dele, para gravar o seu primeiro disco, 78 rotações, em S.Paulo.

Promoveu apresentações, não só locais, mas também nos arredores, inclusive em circo, cuja entrada era um disco de Teixerinha, pois que vendendo certa quantidade, estaria credenciado a gravar um long play pela gravadora Chantecler. Assim, ao encontrar esta maneira criativa, conseguiu seus objetivos. Depois desta gravação, em que obteve o mais amplo sucesso, como campeão de vendagem, rodado em todas as emissoras, ganhou o mundo e milhões de admiradores.

Sobretudo a canção Coração de Luto, que descreve a tragédia da perda de sua própria mãe, emocionou as pessoas, independente da classe social ou da idade. Teixerinha levou o nome de Passo Fundo para todos os recantos, inclusive para o exterior, elegendo-a como a cidade do seu nascimento artístico. Em reconhecimento ao seu protetor, o cantor veio a ter um programa, em P.Alegre, nos sábados a tarde, na TV Piratini, passando o comando do mesmo para Ivo Paim dirigir o espetáculo televisivo.

Algum tempo depois, Ivo transferiu-se para Alegrete, onde foi eleito para o cargo de Patrão do CTG, continuando o seu trabalho em prol das coisas do pago e da tradição gaúcha.

Mais tarde, recebeu uma promoção em P.Alegre, indo trabalhar na tesouraria geral da Caixa Econômica. Na Capital, foi patrão do CTG 35, quando era no Prado Velho, pelos lados do Moinhos de Ventos. Mas os proprietários vieram a pedir o prédio, tendo o 35 de se transferir para outro local.

Foi então que Ivo construiu o antigo galpão do 35, nos fundos da RBS, lá fazendo parceria com Antonio Augusto Fagundes, o velho Borghetti, e ainda com pai do Borghetinho, Paixão Cortes, Barbosa Lessa, com o poeta Jaime Caetano Braum e tantos outros.

Após deixar a patronagem, foi nomeado tesoureiro itinerante da CEF, substituindo tesoureiros em férias ou em licença prêmio, nas agências pelo Rio Grande afora. Em cada cidade, se aquerenciava num Centro de Tradições, dava

aulas de dança, apresentava programas, enfim, difundia aquilo que mais gostava: as coisas do Rio Grande.

Além dessa paixão pelo tradicionalismo, Ivo foi também campeão de pingue-pongue, de xadrez e de bolão. Era um fanático pelo 14 de Julho, seu clube de futebol, que hoje é apenas saudade. Numa ocasião em que o time perdeu, saiu uma “décima” anônima, uma espécie longa de poesia rimada, com muitas estrofes, hoje em desuso e desconhecida, a qual dizia, entre outras coisas: “Como pode? O 14 perdeu o jogo, e o Paim perdeu o bigode!”.

Adorava animais. Quando via para a Caixa Federal, levava comida para um guaipeca que adotou, pois afora abandonado na praça Mal. Floriano. Quando o cachorro o via chegar, virava festa, só faltava bater palmas, que eram substituídas por longos uivos e latidos, demonstrando seu afeto e gratidão.

Ivo fez parte da diretoria do Clube Caixeiral e do Juvenil. Foi autor de algumas músicas e arranjos, entre elas, Saudade de Vacaria, que compôs com Irany Paim Varela, e dizia assim: “... Saudade, tenho saudade, da minha querência amada, saudade de Vacaria, do Passo da Encruzilhada....Ai, meu Deus, quando eu morrer, eu quero a minha cruz, bem diante de Vacaria, divisa com Bom Jesus...”

O cantor faleceu em Porto Alegre, no ano de 1982. Da capela onde estava sendo velado, até o túmulo, Teixeira o acompanhou, num lamentoso e emocionado discurso, entrecortado por lágrimas e soluços, pela perda do amigo. E assim contagiava ainda mais todos que se despediam daquele homem que confundiu a trajetória por onde tenha andado, com as vertentes do pago e a tradição dos antepassados.

Por certo, ele está dançando chula no céu, pois, se São Pedro é gaúcho e o papa João Paulo II também se dizia ser, devem estar entreverados, num fandango de galpão, bem macanudo.

Passo Fundo ainda não fez justiça a Ivo Paim, em reconhecimento aos serviços por ele prestados, a não ser a frequente lembrança do notável jornalista, Antonio Augusto Meirelles Duarte, em suas crônicas, utilizando o seu arquivo vivo. A ele rendo minhas homenagens, pelo excelente trabalho desenvolvido em prol dos nossos vultos mais eminentes. Como ele, também Ivo Paim é lembrado e citado, nas obras de um contemporâneo e amigo seu, testemunho do seu trabalho, o brilhante historiador

Welci Nascimento.

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 26/01/2008

Título : JESUS

Categoria: Poesia

Descrição: No caminho da vida, Uma estrela perdida,

JESUS

No caminho da vida,
Uma estrela perdida,
Indicou uma luz,
Um clarão misericordioso,
No sinal poderoso,
Era o Cristo Jesus!

Indicando a direção,
Carregando-me pela mão,
Encontrei sem procurar,
Em cada alegria,
A tristeza morria,
Em Deus a louvar.

Assim com nova fé,
Eu que andava a pé,
Hoje recebo a bênção,
De ser recolhido,
Nos braços estendidos,
Do criador o perdão,

Meu rumo mudou,
Ele então me achou,
Num momento importante,
Um pecador como eu sou,
A luz me tocou,
Fazendo-me mais gente!

Data : 23/04/2007

Título : Latedo

Categoria: Crônicas

Descrição: Hoje estamos focalizando a figura do “Latedo”, espécie de guarda, que prestava serviço em diversos lugares, nos cinemas, como “lanterninha”, ...

Latedo

Hoje estamos focalizando a figura do “Latedo”, espécie de guarda, que prestava serviço em diversos lugares, nos cinemas, como “lanterninha”, (atividade hoje inexistente), nas praças, funcionando, também, como guarda noturno pela cidade. Era um tipo alto, magro, moreno, sisudo, ninguém viu alguma vez ele rir. A gurizada tinha medo dele, seguidamente corria atrás de algum piá, que o desrespeitava. Ocasões que “Latedo” se fazia ouvir de longe, carregando na cintura, além do revolver uma caneca, que, com o deslocamento, se chocavam fazendo um barulho característico de lata, ao perseguir as pessoas. Lá vinha o “Latedo”. Ao envelhecer começaram a perder o respeito, a

gurizada costumava atirar nele, os famosos busca-pés, que saía em sua direção, fazendo-o cair e, explodir de raiva, quando, sentindo-se impotente, sem fôlego para perseguir os piás. Naquela época era muito comum as serenatas. Algumas pessoas e músicos se reuniam e iam para frente da casa de um amigo e, começam a cantar.

O proprietário ouvia uma ou duas canções, abria a porta e os fazia entrar, oferecendo bebida e, muitas vezes um tira gosto. Isso acontecia depois da meia noite, quando o homenageado já estava deitado. Havia uma proibição em relação a serenata, pois perturbava o sossego público. Seguidamente o “Latedo” dissolvia esses grupos, na metade da interpretação da primeira música. Houve casos, em que o violão ou a gaita do seresteiro foi parar da Delegacia de Polícia. Levado por quem? Ora, pelo Latedo!

23/04/2007

Jabs Paim Bandeira

Data : 30/11/2013

Título : Lembranças

Categoria: Pensamentos

Descrição: Como são doces minhas lembranças que iluminam minhas noites.

Como são doces minhas lembranças que iluminam minhas noites.
Embora você tendo partido, continua presente e vivendo em mim!

Data : 08/10/2007

Título : Léo e a Parábola

Categoria: Artigos

Descrição: Léo, com 10 anos, é um aluno da 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Menino Jesus e gosta muito de histórias e parábolas;

Léo e a Parábola

Jabs Paim Bandeira

Léo, com 10 anos, é um aluno da 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Menino Jesus e gosta muito de histórias e parábolas; uma delas lhe impressionou, foi que a professora explanou em aula, tendo ele trazido para casa e para as pessoas mais próximas, repassando a mesma com muito entusiasmo. Trata-se da história de um homem e uma mulher jovens, os quais se apaixonaram, mas não tinham possibilidade de construir um lar tendo em vista, que ele não possuía emprego. Combinou então com sua amada fidelidade recíproca, enquanto ele sairia pelo mundo em busca de uma colocação. Passaram-se vinte anos, o varão trabalhou numa fazenda. Quando achou que

tinha recursos suficientes para voltar e constituir um lar, se dirigiu ao patrão contando a sua história e pedindo para acertar as contas. O patrão lhe fez a seguinte proposta: . receber os valores da rescisão e seus haveres, ou em troca o patrão lhe daria três conselhos. O jovem iria partir no outro dia, sendo que o patrão lhe disse que poderia dar a resposta posteriormente. Ele pensou e informou que trocava seus haveres em dinheiro pelos conselhos.

Na hora de sua partida o patrão lhe deu os seguintes conselhos: 1º - que ele deveria sempre na vida evitar atalhos; – 2º - que nunca deveria ser curioso e, 3º - que devia dominar suas emoções, em especial a raiva, deu-lhe ainda três pães, dois para comer na viagem e, um bem maior, para comer com sua mulher quando chegasse ao destino. Logo que saiu da fazenda encontrou alguns homens pela estrada que, em conversa com o nosso moço, indicaram que o caminho mais curto para onde ele iria, era através de um atalho por um vale. Ele não aceitou pois desconfiou que os homens eram ladrões e salteadores, lembrando então, o primeiro conselho, evitando um assalto. A noite já cansado, chegou numa pousada, mas esta estava lotada. O proprietário, com pena do peregrino, emprestou algumas cobertas e ele pernoitou em uma área da casa. Na madrugada foi despertado por um grande alvoroço, pessoas convergindo para um local determinado, todos gritando desesperadamente. O seu primeiro pensamento foi verificar o que estava acontecendo, dominando esse impulso, voltou a deitar novamente, tendo após algumas horas cessado aquele reboliço. Na manhã perguntou ao hospedeiro o que havia acontecido na madrugada, com aquela correria de pessoas, tendo sido informado que um louco começou a matar pessoas, quando umas e outras eram atraídas para o local, na tentativa de salvar as vítimas do maníaco, mas todas que lá chegaram foram mortas. Depois de dois dias de viagem chegou em casa e, olhou pela fresta da porta vendo sua amada com um homem, com a cabeça sob seu colo, fazendo cafuné. Ele ficou muito revoltado e sua primeira reação foi arrombar a porta e matar os dois. Aí, ele lembrou do terceiro conselho, o de dominar sua emoção e o ímpeto de violência que tomava conta de seu ser, optando por dormir ao relento e, no outro dia ir falar com a mulher. No amanhecer bateu na porta, tendo ela lhe atendido, quando iniciaram a conversa, ele lhe perguntou se ela tinha sido fiel para ele, a qual respondeu que sim – indagando se ele também tinha sido fiel para ela, tendo afirmado que sim. Sem mais delongas questionou sobre o homem que ela estava acariciando a cabeça, sendo informado que aquele homem era seu filho – já com 20 anos, pois ela quando de sua partida ficara grávida dele.

Abraçaram-se envolto num beijo terno e apaixonado, confidenciando os acontecimentos daqueles 20 anos que estiveram separados. Na viagem ele havia comido os dois pães, resolveu então comer o 3º pão junto com ela, realmente aquele era maior, quando ele abriu o pão viu que o seu conteúdo estava recheado de dinheiro. Assim terminou a parábola que contaram ao Léo na escola.

Essa fantástica historia é encontrada em livros de filosofia e a na memória dos Léos que povoam nossas escolas.

08/10/2007

Jabs Paim Bandeira

Data : 04/01/2008

Título : MEU AMIGO ARIBERTO

Categoria: Poesia

Descrição: Chegou a hora da partida, E o momento da despedida,

MEU AMIGO ARIBERTO!

Despedida ao Amigo Ariberto

Chegou a hora da partida,
E o momento da despedida,
A saudade está presente,
Muitos pranteiam tua morte,
Cada um tem o seu Norte,
Hoje se separa de tua gente!

Foste amigo e companheiro,
Sempre tive como meu parceiro,
Agradeço a Deus por te haver conhecido,
A natureza está triste,
O teu exemplo persiste,
Pois nunca fostes vencido!

Nessa existência um semeador,
Além de ser um condutor
De idéias e de amizade,
Cada passo que destes,
Chegaste ao Everest,
Na grandeza de nossa amizade!

Conheceste o mundo,
Tinhas uma queda por Passo Fundo,
Quando ia nos visitar,
Na palavra e na elegância,
Deixou a tua descendência,
Uma maneira de se portar!

No Sindicato e no Cinema,
Foste o pioneiro no tema,
Liderança natural,
Conquistaste teu espaço,
Sendo dono do abraço,
Presidente sem igual.

Pai diferenciado,
Marido apaixonado,
Exemplo de cidadão,
Repartia conhecimento,
Um homem e um talento,

Meu verdadeiro irmão.

Receba minha homenagem,
Hoje começou a recontagem,
Para de novo nos reencontrar,
Recordar cada momento,
Foi o nosso crescimento,
Um testamento a legar!

Somos apenas uma passagem,
Passageiros da mesma viagem,
Com marcas em cada parada,
Quanto amigos conquistamos,
Foram décadas, foram anos,
Transitando na mesma estrada!

Vai com Deus meu companheiro,
De todos foste o primeiro,
Símbolo de vida e perseverança,
Resististes à doença com determinação,
Com dignidade e resignação,
Deixando um rastro de amor e esperança!

Passo Fundo, Porto Alegre, 4 de janeiro de 2008

Data : 30/11/2012

Título : Minha Diva

Categoria: Poesia

Descrição: Divina, minha Diva, Repouso de energia,

Divina, minha Diva,
Repouso de energia,
Tu és a Virgem Maria,
É amor, é um milagre,
Minha paisagem preferida,
Desenhaste minha vida,
Onde não existe saudade!

Nunca me afasto de ti,
Estás sempre no meu amanhecer,
Escolheste ao nascer,
A estrela da felicidade,
Que brilha em minha mente,
E me faz ser diferente,
Tu és consolo e bondade!

À noite dorme comigo,
Dentro do meu coração,
Devolvendo a emoção,
Não importa se perto ou longe,
Retém meu pensamento,
Enclausura meu momento,
No mosteiro,
como eu fosse um monge!

Divide comigo o dia,
Em cada sonho uma passagem,
Fotografa nesta miragem,
Um modo de não me esquecer.
Lembra que tu és a minha Diva,
Verdade definitiva,
E ser teu - só me dá prazer!

Posseira da minha existência,
Por ser forte e diferente,
Está sempre presente,
Em cada parte que estou.
Não importa o lugar,
Tu vens me procurar,
Lembrando de quem eu sou!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2004

Título : Mulheres de Minha Vida

Categoria: Poesia

Descrição: Mulheres de minha vida, Estrelas, botões ou rosas,

Mulheres de Minha Vida

Mulheres de minha vida,
Estrelas, botões ou rosas,
Umas lindas, outras formosas,
Que tudo me ensinaram,
De neófito me convolaram,
Numa espécie de Adão,
E, usando o coração,
O amor me revelaram!

As formas de tratamento,
A maneira de entender,
O jeito de compreender
E regar o relacionamento.
Fornecendo o instrumento
De ser sábio na vivência,
E homem por excelência,
Namorando a todo o momento;

Ser rico no interior.
Abrangente e comedido.
Vibrante e atrevido,
Alma grande e correta,
Com espírito de atleta.
Conquistado e conquistador.
Forte como um lutador,
Sensível como um poeta;

Amante por natureza,
Carinhoso sem ser pedante,
E eleger, a cada instante,
A deusa do meu pensamento,
Esculturando um momento,
De gestos, palavras e atenção,
Fazendo dessa comunhão
Uma parada no relógio do tempo;

Não ser macho por ser macho,
Mas homem verdadeiro,
Amigo, amante e parceiro.
Compreensivo e tolerante,
Um eterno estudante.
De como entender a mulher,
Dizendo o que ela quer,
Numa cumplicidade permanente.
Amada, namorada e amante!

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 21/07/2007

Título : Música de Uma Nota Só

Categoria: Artigos

Descrição: Realizou-se nos dias 18 e 19 últimos, no Teatro Múcio de Castro, o Seminário de 113 Anos da Batalha do Pulador.

Música de Uma Nota Só

Realizou-se nos dias 18 e 19 últimos, no Teatro Múcio de Castro, o Seminário de 113 Anos da Batalha do Pulador. Participei da abertura na quarta feira, sendo debatedores o escritor e historiador Paulo Monteiro, historiador Nei D'Ávila e professor Alexandre Rodrigues, presidente da Funzotur, na pauta o nome a ser dado a Batalha, se Passo Fundo, Pulador ou Campo dos Mellos. Paulo Monteiro defendeu, como Batalha do Pulador, por ser assim conhecida, explanando com vigor, fundamentado sua posição e apresentando argumentos irresponsáveis. O historiador Nei D'Ávila, organizador desse seminário, desde 2004, vem sustendo que quem defende esse evento como de Pulador, são só autores passofundenses, demonstrando que inúmeros escritores tratam como Batalha de Passo Fundo, afirmando que é a melhor escolha no sentido comercial e turístico. O professor Alexandre declarou que devemos explorar mais nossos potenciais turísticos, como Teixerinha etc... Referindo-se a encenação da Batalha do Pulador, sem citar a entidade que teve a iniciativa, sem falsa modéstia já consagrada, sugeriu que esse evento devia ser profissionalizado, criado uma ONG para executá-lo. São idéias respeitáveis, é como pensam nossos responsáveis pelo turismo. O professor Alexandre sugeriu que a Batalha devia ser chamada de Passo Fundo, em Pulador. Na oportunidade registrei que não eram só autores locais e modernos que denominavam Batalha do Pulador, o próprio Antonio Prestes Guimarães, que tomou parte nos acontecimentos, em sua obra, Revolução Federalista Em Cima da Serra-1892 a 1895, define como Pulador, como também Arthur Ferreira Filho, (Revolução e Caudilhos, fls. 47). Pulador é uma referência histórica, não pode ser trocado, ou rebatizado por decreto. A Diretora da Funzotur, Gilda Galiazzi, defendeu o nome de Pulador, pois inclusive vídeo foi apresentado com essa denominação em Seminários de Turismo, em São Paulo, para brasileiros e estrangeiros. O que surpreendeu foi que nos convites e folders distribuídos para esse encontro, constava "Seminário de 113 Anos da Batalha de Passo Fundo". Por que não Batalha do Pulador ou de Passo Fundo? Tem um ditado que diz: não se coça onde não há comichão, nem se mexe em time que está ganhando?

Temos outros eventos para criar, cada um faça sua parte. Os integrantes dos Cavaleiros do Mercosul estão fazendo a sua, graciosamente, como amadores, não são profissionais e, nem têm empregos públicos, estão encenando a Batalha, com grandes sacrifícios, por amor a Passo Fundo, em resgate histórico cultural, a fim de alavancar o turismo local, não com palavras vazias, estão indicando caminhos, dando exemplos concretos, depois de percorrer a cavalo, mais de 10 mil quilômetros divulgando, nossa região, como os caminhos, ou rota do Mercosul, no Uruguai, Argentina e Chile, porque não ganharam, nem um espaço, ou citação no Seminário, ou nos folders, confeccionados com verba pública, por funcionários públicos? Pelo que estão demonstrando, pretendem esconder e, não divulgar um dos maiores acontecimentos oficiais de nosso sesquicentenário, que tem apoio incontestado do Prefeito Dipp, do Corrallo e das secretarias do município, como também do Poder legislativo. Temos que nos preocupar com coisas mais sérias, não com os "sexos dos anjos". A Encenação da Batalha do Pulador será no dia 05 de agosto, naquele distrito, em sua terceira edição, já extrapolou os limites de Passo Fundo e, é um hino de todas as notas, só que alguns ouvidos não querem escutar!

21/07/2007

Jabs Paim Bandeira

Data : 30/11/2013

Título : O bem

Categoria: Pensamentos

Descrição: Como homem e como advogado passei a vida toda procurando fazer o bem.

Como homem e como advogado passei a vida toda procurando fazer o bem. Só lamento minhas limitações, quer intelectual, quer materiais, que me impediram de ajudar plenamente a todos que bateram em minha porta. Por vezes as encontraram fechadas, mas há aqueles que persistiram e voltaram encontraram alguém em casa, não perdendo a caminhada.

O otimista é o homem que quando sente o perfume da flor, procura o jardim ... e o encontra....

As palavras muitas vezes desaparecem, como folhas soltas ao vento, mas grafadas, resistem o tempo, são eternas.

Data : 05/03/2004

Título : O Gaúcho

Categoria: Discursos

Descrição: Nada é mais universal do que o regional.

O Gaúcho

JABS PAIM BANDEIRA

O homem é um ser que floresce quando imerso em sua própria história.

Nada é mais universal do que o regional.

Cecília Meirelles

Alguém já afirmou que ser gaúcho é um estado de espírito. Pode vir a ser qualquer indivíduo do universo; basta cultivar nossos usos e costumes, seja nobre e de espírito honrado, que se comprometa com a palavra empenhada e, sobretudo, respeite a tradição, reverencie suas origens e ame este chão, berço de nossos heróis, pátria de nossas conquistas, relicário inesgotável de exemplo de coragem e civismo.

O homem pampeano é uma cruz entre o índio, o negro e o europeu, mas só se tornou gaúcho quando se fundiu com o cavalo.

Vamos iniciar nossa abordagem sobre gaúcho examinando primeiramente a origem da expressão.

A origem da palavra GAÚCHO é muito discutida e tem sido causa de verdadeiras confusões. Os estudiosos e historiadores ainda não pacificaram vocábulo.

Não é possível afirmar com segurança essa origem, apesar dos estudos já realizados por Buenaventura Caviglia Hijo, erudito escritor uruguaio e pelos nossos conterrâneos, em especial Nelson de Senna e Augusto Meyer.

Vejam algumas hipóteses etimológicas.

GAÚCHO deriva de gauches, palavra usada na Espanha para expressar sobre vagabundos ou ladrões do campo acostumados a matar touros chimarrões (gado alçado), tirar-lhe o couro e levá-los ocultos para a venda ou troca de outros gêneros nos povoados (Augusto Meyer). Ou, então, O GAÚCHO deriva do árabe chauch segundo Emilia Daireaux.

Já o professor Dudolfo Lens, estudioso da língua araucana, diz que é possível que a palavra venha do araucano cachu ou cathu ou talvez cauchu, pois assim chamavam os índios da região o GAÚCHO. Cauchu é sinônimo de esperto, fino, arteiro e astuto; tem muito a ver com o nosso campeiro, mas deixa a desejar por falta de testemunho histórico.

Já o historiador Paulo Groussac, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, apresenta a tese de que o GAÚCHO venha de guacho, como chamamos os animais desamparados, criados longe das mães. Crousac admite a transposição por semelhança de guacho com GAÚCHO.

Mas deixando as hipóteses passando a história, a primeira palavra que aparece em forma literária é gaudério designando um novo personagem do Pampa. Homem sem lei, não sabe sua origem nem o porque de gaudério. O que se sabe é que precedeu o GAÚCHO.

Segundo os estudiosos, gaudério é aquele que não tem ocupação, que vive à custa de outros; aqui e ali, errante, sem destino certo, cachorro gaudério, sem dono, parasita, vagabundo; conhecido, também, por teatino.

GAÚCHO, em forma literária, há pelo menos dois registros.

O primeiro é de que palavra GAÚCHO parece escrita em castelhano (gahuchos) numa carta que um comandante da fronteira, no Uruguai, Dom Pablo Carbone, escreveu à Espanha, em 1771.

O segundo aparece em documentos uruguaio no Século XVIII. Manuel Cipriano de Melo, segundo comandante da aduana de Montevidéo, após expedição às fronteiras do Uruguai, descreveu em breve informe: "Os dezoito presos que compreendem esta relação são Gaúchos vagos que foram presos por vadiagem. Parada de Sam Nicolas de Cerro Largo, 24 de março de 1791".

A formação do Gaúcho

Após a destruição das reduções jesuíticas, os rebanhos chimarrões (gado doméstico que se tornou selvagem), se espalharam pelo território, tornando-se atrações para índios, assim como para aventureiros paulistas e europeus.

Como já afirmamos anteriormente o homem pampeano é uma cruz do negro, do índio e do europeu, que ao se fundir com o cavalo, deu origem ao GAÚCHO. Assim sendo, nesta época, o que se procurava em terras americanas eram minerais muito escassos no Pampa, mas o gado veio alimentar as esperanças perdidas dos aventureiros, que encontraram uma nova riqueza, o couro e o sebo. Esses aventureiros compostos de marinheiros, soldados, que vieram na busca de novos horizontes e fortuna fácil, eram alemães, ingleses, franceses,

holandeses, italianos, com predomínio dos povos ibéricos (Espanha e Portugal) e do negro, emigrante forçado, escravo; esses aventureiros faziam parte de uma população predominante masculina. O Pampa era percorrido no começo da época colonial por homens isolados, sem lei e sem Deus, dedicados à caça dos rebanhos vacuns, cavalares e muares.

O homem era tudo; a mulher ocupava um lugar secundário.

Por ser a mulher branca muito escassa no Pampa foi uma das razões da existência da miscigenação, geralmente entre homens brancos e mulheres índias. Gerando com isso, o mestiço. Já do abuso de amos brancos para com suas escravas negras nasceu o mulato. Enquanto cruzamento entre a mulher índia, com negro, fez nascer o mameluco.

Assim o mundo começou a ver nascer um tipo essencialmente americano, nem índio, nem português, nem espanhol, mas na verdade, o GAÚCHO.

Já pelos idos de 1750, essa nova raça comandada por homens de posse, os rebeldes (deserdados da sorte, ladrões, assassinos, desertores, índios, aventureiros e mestiços), começou a desenvolver as seguintes habilidades: resistência física, habilidade com armas, equitação própria, uso de recursos naturais do campo, uso de instrumentos com laço, boleadeira, garrucha e encilha adequada, indumentária adaptada (do branco e do índio) e, sobretudo, uma coragem seca e áspera, de acordo com a vida que levavam.

Assim foi o estágio:

- Os Quatreiros (ladrões do campo);
- O Changueador (fazia pequenos serviços no campo);
- O Gaudério (sem paradeiro fixo) e, finalmente,
- O GAÚCHO.

O Gaúcho na atualidade

É um novo homem, esmerilhado como pedra bruta, lapidado pelo tempo e sofrimento, originando uma raça forjada no Pampa, que se confunde com a natureza, pela beleza da alma, a firmeza de caráter e a bondade de sentimento, onde se destaca a sua perfeita sintonia com o cavalo (entendendo o animal e se fazendo entender)

Vejam a descrição do GAÚCHO, na expressão de Gaspar Silveira Martins:

"Recebeu a luz da vida ... Foi marcado no berço pelo esplendor das alturas. Sua existência haveria de guardar o nível das montanhas".

Em relação aos cavalos

Os primeiros exemplares chegaram em 1516 já o gado chegou no ano de 1617. Eis o GAÚCHO, cuja lenda é retratada na maior obra literária sobre ele que é o clássico MARTIN FIERRO, do argentino Jose Hernandez:

"Y atiendam la reacción
que hace un gaucho perseguido,
que padre y mando ha sido
empeñoso y diligente,
y sin embargo la gente
lo tiene por um bandido."

Ou ainda na obra ANTONIO CHIMANGO, do gaúcho Amaro Juvenal, conselhos a Borges de Medeiros, cuja obra inicia assim:

"Ao Rio Grande:
Velho gaúcho - insaciável
De fazer aos mandões guerra,
Nestas páginas encerra
Por um pendor invencível
Seu amor - incorrigível
Às tradições desta terra."

(Palestra realizada no dia 05/03/2004 para os formandos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo.)

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 26/05/2007

Título : O Guarda Peri

Categoria: Crônicas

Descrição: Alguns anos atrás na praça Mal. Floriano não havia só árvore, flores e dois chafarizes,

O Guarda Peri

Jabs Pain Bandeira

Alguns anos atrás na praça Mal. Floriano não havia só árvore, flores e dois chafarizes, o da Cuia e a do Lago que as águas e as luzes cambiavam para coloridas, em momentos festivos. Vivia ali um guarda fardado, armado de cassetete, um homem de 1,55m de altura, chamado Peri. Ele impunha respeito à gurizada, que brincavam de polícia e ladrão, subindo em árvores, invadindo canteiros. Era o pecado capital dos meninos daquela época, eram livres das drogas, não havia infratores perigosos. Os deslizes que cometiam, na maior das vezes, invadiam alguma chácara para pegar frutas, ou retirar dos carros propaganda, em época de eleição, espalhando pelas ruas. Na praça imperava o guarda Peri mantendo a ordem, com autoridade, botando os desordeiros a correr. Ele era funcionário da Prefeitura Municipal, zelava pela preservação do principal jardim. Muitas vezes dividia a tarefa com o fotógrafo que ficava a disposição do público para tirar foto postal e três por quatro. O Dr. Luiz Sachett tinha escritório de advocacia no edifício Eleonora, onde ficava a Rádio Passo Fundo e hoje se encontra a Joalheria Sciessere, deve saber o nome do fotógrafo, pois guardava sua máquina tripé na parte baixa do edifício. O Aldo Batistti me contou, de que uma conhecida família de comerciantes italianos, para preparar suas conservas, usava as embalagens de azeite, colocava o pepino na lata e,

mandava soldá-la. Mas antes inseriam uns ramos de louro, para melhor sabor. Só que tinha um senão, o pé de louro ficava junto à cuia da Praça, onde permanece. Para colher o louro, a matriarca da família, mandava um casal de filhos, buscar. Uma tarefa ingrata para as crianças. Para burlar a vigilância do Peri, um menino conversava com o guarda, enquanto a outra realizava um furto famélico, retirando uns galhos de louro.

26/05/2007

Jabs Pain Bandeira

Data : 28/04/2014

Título : O QUE PASSOU PASSOU, RESTOU A SAUDADE

Categoria: Crônicas

Descrição: O assunto da coluna de hoje poderia ser, quem vai pagar o prejuízo da Passadadilma (Passadema) para Petrobrás?

O QUE PASSOU PASSOU, RESTOU A SAUDADE!

O assunto da coluna de hoje poderia ser, quem vai pagar o prejuízo da Passadadilma (Passadema) para Petrobrás? Possibilidade de mudanças nas eleições, com dois candidatos fortes enfrentando a candidata Dilma, ou a excelente atuação da Delegada Caroline nas investigações da morte do menino Bernardo.

Escrevo sobre outro tema, para não ser repetitivo. Como recordar é viver, passo a elencar alguns costumes e fatos da época que passou, da qual a nova geração nem sonha que existiu, diante da maravilha que é hoje viver.

O meu uniforme na Escola Elementar, hoje prédio ocupado pelo Protásio Alves, era o guarda-pó branco o qual foi estabelecido para as escolas públicas, todos se vestiam iguais, como o Prefeito Luciano, em boa hora está instituindo para as escolas municipais. Já nas particulares, como o Conceição e o IE, os uniformes eram túnica e calças, tipo militar, caqui. Nos colégios Notre Dame e Bom Conselho, eram usados saias, cumprimento, para baixo do joelho, em cores azuis e brancas, em especial no Notre Dame. Letra inclusive de uma música sobre a normalista, que diz: "Vestida de azul e branco...". Não existia televisão, nem celulares, computador e internet, mas Vitrola, rádio de válvula. Havia a máquina de escrever Royal.

Para passar o tempo, lia-se as Seleções, almanaque de farmácia, do pensamento e gibi. Jogava-se volei, basquete, futebol, bolita, peteca, cinco Maria, botão, berboque, carrinho de lomba. Tomávamos banho no Passo, não era poluído. A gurizada furtava frutas, no fundo da propriedade de Wolmar Salton. Brincavam de polícia e ladrão, na Praça Mal. Floriano, ou na Praça da República. Andavam de bicicleta na Praça Tamandaré. Fugiam do Capitão Serafim de Mello.

Muitos pertenciam a um grupo de escoteiros, como os Guaranis, aberto a todos os meninos, ou os Cariris, no Conceição e os Botucaris, no IE, restrito a seus

alunos. Íamos acampar no sábado e domingo, no Redondão, Ninho da Águia, Península, Taquari e Capingui, puxando uma carrocinha.

E as serenatas que eram dadas, quando as pessoas se dirigiam a noite em nossa casa, cantavam na frente e entravam. No inverno era servido uma sopa, ou mocotó, para os visitantes, hoje, chama-se isto de perturbar o sossego público. E as novelas de rádio, ou as peças de teatro apresentadas nos circos e parques. Ainda tinha a Bandeira do Divino, onde as pessoas, em especial as senhoras, nos visitavam cantando canções religiosas e empunhando a bandeira. A missa das dez na Catedral, com os Padres, Jacó, José Gomes e Jacques (soberbo na oratória) era imperdíveis as missas, que eram celebradas só de dia.

Havia como hoje preparação para 1ª comunhão, mas era com ritual especial, realiza a tarde, pelo Bispo Diocesano e a presença dos padrinhos. As viagens a P. Alegre era por Casca, onde se tomava café a noite, jantava-se em Vila Flores, passando de balsa nas Antas, cujos ônibus eram chamados de Gostosão, sendo que dias de chuva os pneus eram acorrentados. Havia os matinés, os bailes, nos Clubes Cruzeiro, Vera Cruz e Passofundense. Das reuniões dançantes no Caixeral aos domingos, antes tinha o footings, em frente a catedral e café Elite, passarela das moças.

Os famosos filés do Café Elite, os cafés expressos do Haiti. Havia o Amarelinho, Cubanita e a maravilhosa refeição do restaurante Maracanã. Do Cassino da Maroca, a Zona da 15, a Tia Carula e o Ladrão de Moça. Tempos em que houve escassez de farinha de trigo para o pão, onde se tomava café com leite e farinha de milho torrada. Do arroz doce com a sobra do dia anterior, coberto com canela. Da galinha e maionese no almoço dos domingos. O leite e o pão trazidos de carroça na porta de casa. Do armazém que se pagava por mês, sem falar nos bailes de gala nos clubes. Tempos para recordar!

Passo Fundo, 28/04/2014

Data : 30/06/2007

Título : Ode aos 150 anos de Passo Fundo

Categoria: Poesia

Descrição: Passo Fundo, minha terra, Meu orgulho varonil,

Ode aos 150 anos de Passo Fundo

CANTO PRIMEIRO

Passo Fundo, minha terra,
Meu orgulho varonil,
Estrela deste Brasil,
Quero apresentar sua gente
Que brilha intensamente,
Debaixo do céu de anil.

Terra degente virtuosa,
De mulheres e homens valentes,
Que germinaram a semente,
De nossos antepassados,
Na luta foram forjados,
Para defender este continente.

Pelejaram no Paraguai, Farroupilha e 93,
Muitos tombaram damor a um ideal,
Houve perda capital,
Pra honra sobreviver,
Mortandade de comover,
Foi notícia de jornal.

Destacaram-se muitos combatentes,
Tornando-se difícil enumerar,
Podemos nominar:
Prestes Guimarães, Annes e o Barão,
Uma luta entre irmãos,
Conflito sem hora pra acabar.

Depois chegou a paz,
Pra construção de Passo Fundo,
Progresso e um novo mundo,
Começaram a surgir,
Novo horizonte a se abrir,
Um milagre profundo!

Dois jornais na cidade,
Um era O Nacional,
Verdadeiro memorial,
Que defendia opinião,
Veio o Diário da Manhã, o co-irmão,
Tão forte como um farol.

Duas opiniões, duas posições,
O azeite e vinho,
Dividiam carinho
Dos leitores fiéis,
Duas mãos - dois anéis,
Forjados em rocha - não no pinho.

Dum lado Múcio de Castro,
Hábil, político e jornalista,
Sem jamais baixar a crista,
Morria por suas convicções,
NO Nacional escrevia suas considerações,
Um autêntico ativista!

No Diário da Manhã,

Túlio Fontoura um paredão,
Inteligente, combativo, na verdade um leão,
Defendia o que acreditava,
Não ficava na defesa, ele também atacava,
Era bom na pena, no revólver e no facão.

Duas vertentes, dois marcos,
Legados de herança definida,
Já se foram dessa vida,
Restaram seus ensinamentos,
Dois jornais, dois portentos,
Neles nossa historia é conhecida.

E a Rádio Passo Fundo,
Do José Lamaison e do Maurício,
Esses patrícios
Eram os comunicadores,
Depois o Sirotsky passou pra Gildo Flores,
Vozes que profetizaram o futuro, nesse inicio.

A missa na Catedral,
Encontrava-se ali o filho de Maria e José,
Faziam vários quilômetros a pé,
Pra ouvir o Padre Jacques declamar o sermão:
"A carne é fraca, meu irmão",
Salvação é Deus, cada qual com sua fé.

Assim era pregada a palavra do Senhor,
Padre Jacó se destaca, entre todos os religiosos,
Os párocos continuam saudosos,
Da retórica e da liturgia,
A confissão e a sacristia,
Igualava perante o Salvador - fracos e poderosos.

A bolsa de valores era o Café Elite,
Havia mais três pontos de concentração,
Reuniam-se políticos e oportunidades,
numa só decisão,
Quinto Giongo, na Farmácia Indiana,
Ali homens de fama,
Em mescla de conversa e opinião.

Na manhã no Túlio Fontoura,
A noite já era outro lugar,
Sempre a se encontrar,
Com Múcio de Castro na redação,
Cada uísque uma inspiração,
Encontro de idéias para perpetuar.

No Oásis tradição cinqüentenária,

Lá existe a "Mesa Um", a confraria,
Turma reunida após o meio-dia,
O contra-ponto está na clientela do Paris,
Dárcio, Dunga e Gilson Graziottin dão a diretriz,
Na manhã de sábado um entrevero de alegria.

Passo Fundo, minha terra,
Berço artístico de Teixeira,
Cidade que foi sua madrinha,
E ele tanto divulgou,
Povo que amou,
Fazendo essa querência rainha.

Terra de gaúcho forte,
Lugar de mulher bonita",
Enfeitaste com uma fita,
A poesia pampeana,
Como mel de lichiguana,
Música que adoçou nossa vida.

Viva Teixeira,
Hoje é nosso sesquicentenário,
Comemoramos contigo no santuário,
Na lembrança e saudade,
Tu foste a Verdade,
Rouxinol desse campanário!

Deixou seu filho como herdeiro,
Também houve outros agregados,
Oswaldir & Carlos Magrão, artistas consagrados,
Teixeira, cantam,
Sem esquecer que reinventam
Esse tesouro musical imortalizado.

Foram muitos os intelectuais,
Jorge Cafruni, Delma Ghem,
Tantos, tantos, mais alguém?
Antonino Xavier de Oliveira,
De escritores de carreira,
Contando o passado e o além.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca,
Osvandré Lech, Paulo Monteiro e
Welci Nascimento,
Que escreveram o momento,
De cada partitura de nossa história,
Registrando a glória,
Em cada acontecimento.

Irineu Gehlen .Meireiles Duarte, Juarez Azevedo,

Membros de nossa Academia,
Recordando cada dia,
Acadêmicos do passado,
Arthur Ferreira Filho, um nome destacado,
Que escreveu nossa história e a geografia.

E as meninas da Academia?
Não posso esquecer!
Elas são o sobreviver
Duma grande irmandade,
Jurema, Santina e Helena - realidade,
Carolina, Dilse e Elizabeth - poema de sorver!

E o Papa da Medicina, nosso Sabino Arias,
Que milagre realizava?
Com o bisturi se aproximava,
Para salvar seu paciente,
Servia a todos, até indigente,
Um mito que sua profissão honrava!

E na advocacia, verdadeiros tribunos,
Celso Fiori, Verdi e Galves, o notável,
Jurisconsulto com defesa implacável,
O Nelson Silva sempre lembrado,
Advogado e professor respeitado,
Com sede de saber, invejável!

"Não existe trabalho,
Existe construção!"
Foi com suor no rosto e calo na mão,
Erigida nossa comunidade,
Na pura hospitalidade,
Do povo e da gente deste rincão.

Intelectuais, peões,
Patrões e administradores,
Verdadeiros construtores,
Que bravas gerações nos passaram,
Cada pedaço dessa terra consolidaram,
A homenagem a esses precursores.

Passo Fundo, minha terra,
Foram tantos os seus obreiros,
Fagundes dos Reis, o primeiro,
Muita gente de valor,
Eu poetizo teu esplendor,
Desse passado sou meeiro!

As casas de alvenaria,
Maggi De Cesaro, Ricci, empreendedores,

Não tinham diplomas, mas de fato mentores,
Os Verardis eram empreiteiros,
Ao lado de Brasiliano Bandeira - pedreiro,
Da geografia arquitetônica tornaram-se feitores.

A primeira rodoviária do Estado,
Fredolim Paim, seu arquiteto,
O Delegado deu a permissão, sem veto,
Perto da praça começou a funcionar,
Esquina da Independência, os ônibus a estacionar,
Prédio do Dr. Jovino, na Avenida Gal. Neto.

Quem não se lembra da caieira?
No fim da Canabarro, o branco era o vestígio,
A indústria da cal era prodígio,
Perto dos trilhos da rede ferroviária,
Os veículos vinham pelo Hotel Glória,
O gerente era um tal de Elpídio.

Passo Fundo das luzes da ribalta,
Da Quinze, da Maroca e do Cassino,
Que com o mesmo destino,
A Tia Carula, o Ladrão de Moça e o Flores,
Onde os ébrios afogavam suas dores,
Na bailanta • o tango era hino.

A beleza e importância da Cacimba,
Sua boate e ambiente, para três gerações,
Servindo o pai, filho e neto, muitas emoções!
Sem falar no serviço do restaurante,
De toda a parte vinha gente,
Uma só noite, quatro estações!

Um local jamais podemos esquecer
Por sua fama Internacional,
Que o torna passional,
Já que o Edu é do Grêmio!
Mas o Boka realmente é um prêmio,
O cardápio: Xis, o filé e a sopa sensacional!

Prefeitos, Daniel Dipp e Wolmar Salton,
César Santos na parceria,
Este criando com alegria,
A nossa universidade,
Fazendo de nossa cidade,
O terceiro pólo cultural que nascia.

A primeira faculdade foi nossa academia,
Nasceu a Escola de Direito,
O plano foi perfeito,

Executado pelo bravo Reyssoli dos Santos,
Depois, a Agronomia erguida em pleno campus,
Primeiro prédio a ser construído ali, a seu jeito.

Orgulho de todos nós,
Elevou nosso conceito,
Povo culto e de respeito,
Gratos a nossa casa de ensino,
Foi esse mesmo mimo,
Troféu que ganhamos nesse pleito.

Depois veio Edu Azambuja,
Que colocou o município no trilho,
Modificou o estribilho,
E a maneira de administrar,
Foi o marco salutar,
Junto com Juarez Paulo Zílio.

Prefeito Edu na Câmara, os Três Mosqueteiros,
Corralo, Pithan e o poeta signatário,
Aprovaram nova casa pro mandatário,
Assumiram a responsabilidade,
Construindo o Legislativo e a Prefeitura sem alarde,
Assim era a maneira de governar do Comissário.

Antes tivemos a valorização da terra,
Quando Mario Goelzer o trigo introduziu,
O cereal se expandiu,
Nesse pedaço de chão,
Pra agricultura foi solução,
Ouro que o solo pariu!

O comércio, a madeira,
O serviço hospitalar,
Não tem como igualar,
Não existe n'outra comunidade,
Passo Fundo é referencial e raridade,
Nesse setor ninguém vai nos suplantar.

A indústria é efetiva,
Somos bons na hotelaria,
Uma praça onde a maioria
Vem de longe se hospedar,
Esse setor vai se consagrar,
Com os Klaus na parceria.

Temos também o Pulador,
O resgate da batalha,
Superando qualquer falha,
A encenação é sucesso,

Por tudo que anda impresso,
A degola é com faca, facão, não navalha.

E a saga da Revolução de 93,
No Pulador a maior Batalha do Brasil,
O Cavaleiro do Mercosul deu de mão no fuzi
E foi representar,
Por isso quero registrar
Esse gesto patriótico e varonil.

Mas foi em 64, que o governador Meneghelti,
Em plena revolução, falou pé no fundo,
O motorista, conhecido por Raimundo,
Entendeu que era Passo Fundo,
vindo pra esse rincão,
Instalou aqui o governo, todos em prontidão!
O 3ª RPMont assim foi Palácio,
na "Capital do Mundo".

Hoje, em dois mil e sete,
Comemoramos nosso sesquicentenário,
Tiramos os heróis do armário,
Para cantar nossa gente
O que vai à mente,
Em nosso aniversário.

Festa decretou o Prefeito Dipp,
Com o Corralo pra comandar,
Primeira atividade a se realizar,
Foi nosso Rodeio Internacional,
De fato o sucesso foi total,
E, no decorrer do ano, temos muito que festejar.

O programa é extenso,
Com festa barbaridade,
Pois irá deixar saudade,
Pra aqueles que viveram,
E também aconteceram
Canto de emoção dum momento pra eternidade!

Minha amada Passo Fundo,
Somos filhos gratos,
Resumimos como podemos os fatos,
Que consolidaram tua liderança,
Não existe semelhança,
No sucesso do teu novo retrato.

CANTO SEGUNDO

Passo Fundo minha terra,

Minha paz, minha vertente,
Aqui não há cor nem religião, todos são gente,
No mesmo palco, vence quem mais se dedica,
Matar dois leões por dia, a vitória se explica!
Mas é ilusão, o sucesso não é permanente.

Na era da comunicação,
Temos Uirapuru e Planalto.
Que destacam o ponto alto
De nossa comunidade,
Elas contribuem sem vaidade,
Pra cidade que eu ressalto!

A Rádio Diário da Manhã,
Na indústria, a Semeato,
Ela sofre o impacto,
Do abandono da agricultura,
Nego bom não se mistura,
Nesse governo, o agronegócio foi pro mato...

Havia os atrevidos, lá pelos anos 70,
Freitag, Ivaldino e Santarém,
Escreviam como convém,
Em colunas de jornais,
Sempre foram profissionais,
Faziam de sua vítima refém.

Atacam em bloco, comandando seu espaço,
Lembro de uma passagem,
Usaram da mesma linguagem
O alvo foi um vereador,
Buscaram material no bastidor,
Pois o pedido dele abalou sua imagem.

Com a força de seus argumentos,
O candidato renunciou,
Na Câmara de Vereadores terminou,
Em um só dia - sua presidência,
Ele caiu sem clemência,
Cargo que após o Lourenço galgou.

Temos nossos educandários,
IE, Conceição, Notre Dame e Bom Conselho,
São os espelhos,
De nossa formação,
Deram cartas na região,
Deixando a ignorância no vermelho.

Tem também o EENAV,
A Maria Fialho educadora,

Ela sempre foi doutora,
Ao lado do Irmão Gelasio,
Lecionavam no primário e no ginásio,
Com Schisller, uma equipe vencedora.

E as parceiras da cidade,
Vera, Pina Batisti, Bonella,
A Nativa (Pequena) Paim e a Stela,
Trouxeram gente ao mundo,
Dizem que até Pedro Raimundo
Deixou o umbigo em nossa capela...

E as figuras folclóricas,
Que por aqui viveram,
Alguns até conheceram,
Bispeto, Chico do Salame, Maria Queixuda,
Guarda Pery, Lurdes do Talho, Latedo,
com cara sisuda,
Alguns lhes queriam bem,
mas no abandono morreram...

Conhecemos um certo Capitão,
Usava terno branco de linho,
Dois revólveres, adaga e um santinho,
Policia de muita coragem,
Combateu a pistolagem,
Prendia uma quadrilha sozinho.

Chamava-se Serafim de Mello,
Ao ouvir seu nome, as crianças dormiam,
Era medo mesmo, não era por carinho.
Ele era firme e muito forte,
Depois de uma semana de sua morte,
Buscou sua amada
e na eternidade arrumou o ninho.

O primeiro supermercado foi o Rebechi,
Ali na Sete de Setembro,
Até hoje me lembro,
Onde estava instalada a fábrica de prego,
Afirmo e jamais nego,
Era um belo empreendimento!

No prédio onde reside o Osvaldo Gomes,
Havia uma casa comercial diferente,
Distribuíam fichas entre as clientes,
Na medida da chegada eram atendidas,
Por João Café, sempre de tamanco em suas lidas,
Cachorro não entra! - Escrito numa placa na frente!

A indústria de peso era a Brahma,
Roberto Schann era diretor,
Na cerveja a população degustava seu sabor,
Havia centenas de empregados,
Naquele recinto se comemorava
a festa dos advogados,
Onde compareciam todos,
acadêmicos, juiz e promotor.

Passo Fundo chegou a ter três empresas aéreas,
A Savag, a Real Aerovias
E a Varig transportavam passageiros todos os dias.
Recentemente tivemos o Boeing, o avião,
Precedeu o Douglas e o Brasília
de menor expressão,
Voavam alto sob o Sol,
o Cruzeiro do Sul e as Três Marias!

Havia a Reunidas da Serra,
Avelino Andreis juntou com a Sulina,
Criando a UNESUL, assim se cumpriu a sina,
Unindo P. Fundo com a UNETRAL
dos botas amarelas,
Pintaram os ônibus de laranja e aquarelas,
Começou a ganhar dinheiro, uma verdadeira mina!

Em nosso município a colonização,
Todas as raças presentes,
Aqui cada um vivia contente:
Alemães, árabes, portugueses,
italianos e espanhóis,
Gringos, pretos e brancos, sob os mesmos sóis,
Numa mescla, de seres inteligentes...

Os Viuniskis, Chwartzmann, Sirostki e Freitag,
Os primos:
Estacia, Buaes, Dadias, Santos e os italianos,
Taguan, Battisti, Bordignon e, no mesmo plano,
Os alemães, Sudbrak, Kielling, Matzembacher,
uma geração.
Os africanos, Isaías, e os índios
numa miscigenação,
Suraiu uma nova raça com mente e "corpore sano".

E o acordeonista Dino Bertoglio,
Animou baile e festa elegante,
Numa aparição constante,
Era volúpia da razão,
Saudável diversão,
Num embalo do corpo, música e mente.

Maestro Jacques, Hermínio,
Mercedes e Alfredinho,
Era o piano, violino e o acordeão,
Prelúdio de som,
Impregnando o ouvido,
O Amarelinho desativado, o Maracanã demolido,
Nas recordações da rua Morom.

Antes, no Maracanã, a música alta
la até a madrugada,
A paciência do Dr. Fiori esgotada,
Deu um tiro de rifle na direção,
Foi aquela confusão,
Ele transferiu a ação a Dom Cláudio, que mancada!

O primeiro dos primeiros, foi o Lalau Miranda,
Nosso mais antigo Centro de Tradição,
Preserva com elevada dedicação
A história cultural de nosso pago,
É como a pedir um trago,
Nas bandas do Boqueirão.

E a reunião dançante no Caixerai?
Um momento muito esperado,
Como encontro marcado,
Durava duas horas no domingo,
Não tinha prorrogação, nem choramingo,
O fandango, à meia noite, era fechado.

Nossa eterna rainha Iara Lucas,
Muitos amores só uma paixão,
Incendiando cada coração.
Teve muitos namorados,
Parece que houve mancebia e noivado,
Por todos amada além da razão...

O Rossi do cinema e da Jussara,
Queria "ficar" com Iara, começou a confusão,
Mas ela amava Bule Annoni com toda a devoção.
Quando soube do assédio,
O namorado derrubou o Rossi e o prédio,
A tal cantada virou em tamanha agressão!

Quem não conheceu Célio Barbosa?
Um maestro sem igual,
No sax era genial,
Sempre cheio de mulher,
Sem fazer o que ela quer,
Era um namorador fenomenal.

Lembro de uma de suas amadas,
Que enquanto Célio tocava, na frente do Caixeral,
Ela numa atitude anormal,
Retirou toda a sua roupa,
Ficou nua em pêlo, restando nem a touca.
"Ser" movido por paixão, aparece o lado animal!

O primeiro refrigerante desse tipo,
Que chegou em nosso verão,
A Cola foi a sensação,
Geração Coca-Cola foi criada,
Meninas bonitas foram iniciadas,
Eram conhecidas por esse bordão.

E a zona do 14,
Muitas casas, muita luz,
Assim que se traduz,
Um fusca verde-oliva de presente,
Fez um causídico contente,
Assim que uma loura veterana seduz!

Nessa praça havia incendiários,
Empresários respeitados,
Fizeram fortunas com os queimados,
Dos seus próprios estabelecimentos,
Botando fogo em diversos momentos,
Aumentando em milhões seus trocados

De um lado, o Café Elite, no outro o Sonora,
Na avenida Gal. Neto, junto à praça,
Homens sentados, mulheres desfilando com graça,
O fim de semana ficava na lembrança,
O footing indicava a presença,
Os varões junto às mesas,
enquanto a moça passa...

Havia o 14 de Julho, que hoje é o Passo Fundo,
Sua catedral era o Vermelhão da Serra,
Na cor de sangue que encerra,
De outro lado o Gaúcho,
Do estádio Wolmar Salton, um luxo,
Cada jogo uma guerra!

No verde - Vete, Barão, Sachett, Branco e Pontes,
No vermelho, o Pupe, Hugo Loss e o Santarém,
O clássico era disputado como convém,
Não jogavam as brincas, era tudo as deva,
A rivalidade que se corteja,
O pau comia, não se livrava ninguém!

A Marlene, o Iray e Ivo Paim,
Primeiro grupo musical tradicionalista,
Colocaram a melodia em pista,
Em shows e no rádio foram aplaudidos,
Na musica gaúcha eram reconhecidos,
No folclore, O número um da lista.

Dinho e João Pereira, maiores da Chula,
No Rio Grande eram campeões,
Dançavam como gaviões,
O Lalau Miranda representavam.
Com os pés eles musicavam,
Taco a taco suas evoluções.

A Churrascaria Gaúcha, do Tasca e do Magro,
O galeto Patussi e do Geremias,
Entre os garçons tinha o Farias,
A região saboreava cada refeição servida,
Foi uma geração bem nutrida,
De poupurri de carnes macias!

Miss Objetiva Internacional, Carmem Luca.
Lá pelos idos do faz tempo,
A beleza era complemento,
Esta morena esguia,
Com um corpo de guria,
Foi a rainha do evento!

Os vestidos, como hoje, eram bordados,
Antes de surgir o Adhemir,
Elegância feminina se fazia sentir,
Pela modista Dozolina, na Battisti e na Moda,
Essas lojas, para todas afamadas,
Mulheres faziam gosto de ali se vestir.

O Delorges Caminha,
Nosso grupo teatral,
Paulo Giongo, Walter Portela, e Jane Pimentel,
Pedro Balalaica,
"As Mãos de Euridice" representando,
Esse grupo monumental se consagrando,
Artistas no palco,
como taças de champagne em coquetel...

Na crônica social da cidade,
Horácio César-o pioneiro,
Das festas era olheiro,
Nos jornais as socialites desfilavam,
Mulheres lindas se destacavam,

Comentários eram discretos, sem ser alcoviteiro.

Veio Décio Ilha,
Sagaz, inteligente, de cerebrinas historinhas,
Em prosa cantava, desde as Rosas às Joaninhas,
Destacava as mais e os mais elegantes,
Com comentários insinuantes,
Com charme descrevia as Dejas e as Marcinhas...

E as clínicas de beleza unissex?
O Laney Lángaro e o Zeca inauguraram,
Homens e mulheres embelezaram,
Plantaram uma outra cultura,
Os "barbeiros" e as "cumpridas velha estrutura,
Na modernidade, novos métodos os tragaram.

Hoje muita coisa mudou,
Santuários de beleza apareceram.
Eloá, o Mano, o Adelar e o Ivan se estabeleceram,
Modificando o penteado e a formosura feminina,
Transformando o visual em uma raridade felina,
Maneira em que a dama
e o coiffure se conheceram.

Hoje muitas praças e logradouros,
Onde foram erigidos monumentos,
Cada um deles traduzem acontecimentos,
Por essas idéias, o Aldo Alessandri é responsável,
Romano de uma fé inquebrantável,
Em bibliotecas abertas,
imortalizando conhecimentos.

Termino esse colòquio,
Cantando a minha cidade,
Procurei nessa verdade,
Encerrar o Canto Segundo,
Eu sou o Passo Fundo,
Rio que é minha Saudade!

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/11/2013

Título : Passo Fundo

Categoria: Pensamentos

Descrição: Terra de magia, feitiço e encantamento

Terra de magia, feitiço e encantamento.

Data : 30/11/2013

Título : Pátria

Categoria: Pensamentos

Descrição: Cada centímetro de pátria é mensurado pela determinação espiritual e material de um povo, de se tornar útil e participativo.

Cada centímetro de pátria é mensurado pela determinação espiritual e material de um povo, de se tornar útil e participativo. Exercendo a cidadania como uma conquista de cada dia, um direito inalienável de um povo, que sabe o que quer e jamais abdica do que é seu, porque tem consciência de que para ser livre, tem que ser consciente. Investindo no ser humano, centrando as atenções no homem, pois, ele é a razão de tudo, faz a pátria, faz a vida, sendo seu gênero e sua essência, sem o qual não há vida, nem esperança! (10/09/2004)

Data : 31/12/2008

Título : Praça Grande

Categoria: Poesia

Descrição: Quem não sentiu o perfume Do lenitivo costume

Praça Grande
Quem não sentiu o perfume
Do lenitivo costume
Anunciando a primavera?
São flores desabrochando,
São corações se amando,
Numa mesma atmosfera.
Em cada copa um buquê,
Nas flores que nem se vê,
Um aroma incandescente.
É o fruto da natureza,
Numa sinfonia de beleza
Embriagando a gente.
É assim que te descrevo,
Justo como te vejo,
Praça Grande Marechal!
Se Floriano é teu nome,
Sempre foste o cicerone
Do Planalto sem igual!

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 30/11/2013

Título : Prescrever

Categoria: Pensamentos

Descrição: Na verdade nem tudo prescreve, nem desaparece, entre elas, a dor que sentimos.

Na verdade nem tudo prescreve, nem desaparece, entre elas, a dor que sentimos. Esta revive a cada lembrança, acusando a ausência, que se encontra em cada saudade!

Data : 30/11/2013

Título : Processo

Categoria: Pensamentos

Descrição: Um processo tem que ter três colunas.

Um processo tem que ter três colunas. O Juiz, o Promotor e o advogado, mas é este último que dá vida, dinamismo e ritmo à causa, não permitindo que pereça o direito.

Data : 30/11/2013

Título : Quarenta e cinco anos de Tribunal do Júri

Categoria: Artigos

Descrição: O assunto do momento poderia ser a publicação do acórdão do mensalão, apontando José Dirceu como chefe da quadrilha, mas o farei outro dia.

JABS PAIM BANDEIRA

O assunto do momento poderia ser a publicação do acórdão do mensalão, apontando José Dirceu como chefe da quadrilha, mas o farei outro dia. O tema de hoje – Meus 45 anos de júri e minha história que teve início em 06 de março de 1968.

Este ano completando 45 anos do primeiro júri, intenso e contínuo trabalho, com mais de 300 defesas.

Em 1968 quando na defesa de Maria dos Santos Moraes, cursando o 5º ano de direito, sendo a 1ª vez que assumia a tribuna do júri, na defesa de Maria dos Santos Moraes, julgamento ocorrido na antiga Câmara de Vereadores, pronunciada por ter matado a paulada o marido, Jandir Moraes, funcionário do DAER.

Concluí a instrução processual, naquele tempo, o acusado era pronunciado e levado a prisão. Maria foi recolhida ao presídio, localizado onde é o atual quartel do corpo de bombeiros. O prédio era um pardieiro imundo e inabitável, usado para trancafiar os detentos, como animais enjaulados, dividindo-o com ratos e insetos. Diversas vezes marcaram a data do júri, eu os transferia usando de recursos jurídicos, desagradando o Promotor, combativo e qualificado, Lauro Guimarães. Necessitávamos protelar, pois não possuía a carteira de advogado, impedido assim de promover sustentação oral, éramos apenas inscrito na OAB como solicitador, chamado hoje de estagiário. A situação ficou insustentável, quando o Dr. Lauro, requereu ao juiz, Dr. Moyses Marinho Ribas, oficial a OAB, para que indicasse um advogado para patrocinar a defesa da cliente.

O Dr. Catarino Ferreira era presidente da OAB, respondeu que não poderia nomear, uma vez que havia advogado contratado para a defesa. O Promotor não se conformou, insistindo para que o juiz, então nomeasse outro advogado, enquanto pressionavam Maria para revogar a nossa procuração, embora presa, manteve-se firme, confiava em nosso trabalho, estando ela presente em todas as audiências. Lauro ficou irascível, com mais veemência continuou a peitar o juiz, clamando atitude mais radical, agilizando a realização do júri.

Pressionou de tal maneira o magistrado, chegando a ofensas pessoais, a ponto do Dr. Moyses ter tirado o casaco e colocado em sua cadeira, apontando: “Ali está o juiz e aqui é o homem”. Atracando-se em luta corporal com o Dr. Lauro, separados por serventuários. Enquanto isso, ganhei tempo, formando-me em dezembro de 67, apressei a inscrição na OAB, recebendo a carteira em fevereiro de 1968, número 4897. Que venha o júri! Aprazado para 6 de março. No julgamento o Dr. Nelson Silva, fez minha apresentação e disse: “agora a defesa é contigo”. Assumi a tribuna, inicialmente embaraçado, na saudação, tropeçando nas palavras. Logo reassumi o domínio da situação, examinado a prova, sustentando a tese da legítima defesa própria e moral, aceita pelos jurados, por 7 votos a zero. Presidiu o júri, o Dr. Nelson Costti, pois o Dr. Moyses Ribas, titular, estava de férias. Na promotoria atuou o Dr. Lauro Guimarães. No Conselho de Sentença estavam: Napoleão Sfoggia, Leonisio Angonese, João Kurts, Jandir Pedro Cecete, José Ribas Machado, Aramando Rebeschini e Fiorvante Tassi. Uma iniciação positiva, continuo apaixonado pelo Júri, onde renasço, deixando um pedaço de mim em cada julgamento. Nestes anos armazenei um espólio de histórias. Cheguei a conclusão, concordando com Martim Fierro de que O Diabo não é Diabo por ser Diabo, mas sim por ser velho. Revivendo de fato e de direito a efeméride (45 anos), volto ao júri, do próximo dia 30, na Assistência Particular a Acusação, contratado pela família de Valdevir Gonçalves de Moraes, morto em um posto de gasolina, em 29 de outubro de 2009, por Rogelson Moraes Blon.

Coincidência: o júri de 68, para o de 2013, naquele o nome de família da vítima e do réu era “Moraes”, neste também, nome em comum de vítima e réu é

“Moraes”. E a melhor das coincidências é que a UPF está comemorando 45 de fundação, neste ano, meus parabéns!

(Jabs Paim Bandeira, advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : Resgate da memória

Categoria: Pensamentos

Descrição: Cavalgada de conscientização e de resgate e dos restos mortais de Anita Garibaldi da Itália para o Brasil.

Cavalgada de conscientização e de resgate e dos restos mortais de Anita Garibaldi da Itália para o Brasil.

Os Cavaleiros do Mercosul, nos lombos dos seus cavalos, lembrando os feitos e despertando consciências, no sentido de enfatizar a necessidade de resgatar a memória e os restos mortais de Anita Gararibaldi da Itália para o Brasil.

Fazendo pátria a cavalo e immortalizando o gaúcho no resgate da tradição.- Lema dos Cavaleiros do Mercosul

Data : 30/04/2012

Título : Sou vinho que embriaga

Categoria: Poesia

Descrição: Sou verdade, sou mentira, Sou gesto e meditação,

Sou verdade, sou mentira,
Sou gesto e meditação,
Sou o ferro e não a bigorna,
Porque ela me transforma,
Sou sujeito a modificação.
Tenho que me adaptar,
Para a natureza não me afastar
De um mundo em mutação.

Sou o sino que plange,
E pássaro cantor.
Sou vinho que embriaga,
Sou o fio da adaga,
Vencido e vencedor.
De dia, sou o Sol ardente,
À noite, a estrela ascendente!
Na madrugada, eu sou o amor!

Sou ninho de pirlampos,
Sou o Cruzeiro do Sul.
No entardecer eu renasço,
Em partículas e pedaços,
Neste céu azul,
Refletindo o firmamento,
Fazendo o encantamento,
Nos invernos aqui do Sul.

Sou homem, sou carne e sangue,
Nervos, músculos e energia,
Sensível e emotivo,
Torno-me mais criativo.
Em teus olhos, sou magia,
Onde eu busco o teu afeto,
É meu prato predileto,
Esta mulher me vicia!

Sou riacho, sou a chuva,
Sou campo em flores,
Sou a bruma das colinas,
Sou o laço da cortina,
Em um palco de atores.
Sou a razão e a virtude,
Sempre com a mesma atitude,
Ressuscitando amores.

Sou viola, sou violão,
Cantador e pianista,
Sinfonia de orquestra,
Eu sou a própria seresta.
Troféu de uma conquista,
Orador de grandes plateias,
Mel de diversas colmeias,
Sou aplauso, sou artista!

Canto versos e digo prosa,
Valente e comedido,
Sou a voz do injustiçado,
Em resumo, sou advogado.
Nunca foi um convencido,

Não sou tudo o que dizem,
Orgulho da minha origem,
Jamais me dou por vencido!

Por isso voo alto,
A águia é minha simbolismo.
Luto e não me entrego,

Na madeira uso o prego,
Nunca faço guerra fria.
Busco apenas ser,
Não importo ter,
Sou a própria poesia!

Eu sou o legítimo tempero,
Da vivência sou o sal.
Soma de vidas passadas,
Sou uma alma revelada,
Combatendo todo o mal.
Venho resistindo o tempo,
O fraco é o exemplo,
O transformo em marechal.

Sou a árvore, sou a sombra,
Vingador, sem ser vingativo;
Eu sou um bugre, um cigano,
Sou índio, sou um moicano,
Um adestrador sensitivo:
Mercador de felicidade,
No amor, sou liberdade,
Na dor, sou o curativo

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : Tia Pequena

Categoria: Artigos

Descrição: No domingo dedicado as mães, pensei, como não poderia ser diferente, naquela que me trouxe ao mundo, cujo nome era Nativa, conhecida por "Tia Pequena".

JABS PAIM BANDEIRA

No domingo dedicado as mães, pensei, como não poderia ser diferente, naquela que me trouxe ao mundo, cujo nome era Nativa, conhecida por "Tia Pequena". Toda mãe é especial para seus filhos, pelo menos para aqueles que são tingidos pelo sentimento da gratidão. As mães trazem no ventre a sementinha da vida, nos alimentam com seu sangue durante os nove meses, onde somos uma carne só, em dois espíritos. Ao nascermos, por muito tempo, ela nos nutre com o pão material e com seu próprio leite, tornando-nos saudáveis. Somos alvos e objetos de todos os cuidados, desde o espiritual, até a educação para vida, alicerces de nosso caráter, pelo exemplo, lições e por suas virtudes. Eu tive mais que uma mãe, tive uma santa que iluminou e embora não esteja presente, ainda

ilumina minha existência, fornecendo a força telúrica necessária para que eu continue a caminhada, enfrentando os desafios e adequando-me nas soluções dos problemas, quer pessoais ou de terceiros. É nela que reconstruo minha esperança de servir, lutar, fonte de minha energia. Invoco na memória, os exemplos de tenacidade e determinação de minha mãe, seu denodado amor pelos seus filhos, superando a doença e as vicissitudes de nossa existência, na falta de tudo, médico, remédio, alimento e vestuário. Aqui reside a minha força e meu jeito de jamais enserrilhar as armas, ou perder as esperanças, desistir nunca, cada dia é um recomeço. As derrotas são lições, a fim de que busquemos nos corrigir para outros embates. Podemos perder uma, ou mais batalhas, mas nunca a guerra, porque nela esmerilhamos as arestas, a fim de recolhermos ensinamentos para construir a paz e a maneira de desenvolver o bom combate. “Tia Pequena” teve em seu primeiro casamento 5 filhos, duas mulheres e três homens, casada com ferroviário, tendo falecido em Marcelino Ramos. Naquele tempo não havia as leis que amparavam o trabalhador e em especial o da estrada de ferro. Em estado de viuvez, 5 filhos, começou o dilema de minha mãe, que com pouca renda, plantava milho e hortaliças, passando dificuldades, as quais só aumentavam, isso sem contar o frio e umidade na costa do rio Uruguai onde residia. Sabedores da necessidade que ela e os filhos passavam, seu cunhado Luiz Varela, mandou um recado para que viesse para Passo Fundo, para residir com sua família na Vila Rodrigues. Sem dinheiro para passagem de trem, usou como transporte um cavalo, colocando um balaio de cada lado, acomodando ali seus filhos e veio puxando o animal chegando com muito sacrifício até a nossa cidade. Mais tarde casou-se com meu pai, Brasiliano Bandeira, tendo eu e mais uma irmã, de modo que éramos 7 filhos. Meu pai tinha uma filha do primeiro casamento, a trouxe para residir conosco. Era pedreiro, quando não tinha serviço em nossa cidade, peregrinávamos por este Rio Grande em busca de trabalho. Foi numa destas saídas que eu nasci em Santiago do Boqueirão. Nas cidades que eles se transferiam, meu pai colocava um mercadinho para minha mãe cuidar, enquanto ele exercia sua profissão. Depois vieram para Passo Fundo, onde me registraram. Ela me amamentou, no peito, até quase 4 anos, razão do meu vigor. Aqui em Passo Fundo, foi cozinheira do hotel Brasil e, exercia as funções de parteira, a fim de ajudar a sustentar a casa. Trabalhou muito, enfrentou doenças, cirurgias, necessidade de toda a ordem sofreu, mas me deixou um enorme legado, que foi sua determinação, bondade, responsabilidade, gratidão e outras qualidades, das quais eu incorporei algumas, mas me falta muito, muito mesmo para que eu seja como a “Tia Pequena”, mas sou muito grato a ela.

(Jabs Paim Bandeira, advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Uma triste verdade da política brasileira

Categoria: Artigos

Descrição: Escrevo, em nossa revista da Academia Passo-Fundense de Letras, esta matéria tão dura e que, lida daqui a alguns anos, poderá levantar dúvidas sobre a autenticidade de seu conteúdo...

JABS PAIM BANDEIRA

Escrevo, em nossa revista da Academia Passo-Fundense de Letras, esta matéria tão dura e que, lida daqui a alguns anos, poderá levantar dúvidas sobre a autenticidade de seu conteúdo, colocando em cheque o que afirmo aqui e agora. Mas ele que reflete, sem sombra de dúvida, a realidade do momento: esta fase da vida brasileira e a falta de vontade de nossa geração para mudar. Registrando a ausência de indignação de um povo, que outrora foi tão heróico e soberano, hoje se deixa embriagar pelo comodismo, numa passividade espantosa, dormindo em berço esplendido.

A esperança é de que a situação se modifique, e que este artigo, lido daqui a algum tempo, possa apenas retratar um período nebuloso da nossa vida pública, e a falta de atitude coletiva.

Espero que desperte a dúvida no leitor - talvez num aluno em sala de aula, ao ler esta matéria, se isso existiu mesmo em nosso país, ou se apenas foi uma fantasia de um político, ou de políticos gananciosos, que sonhavam em fazer fortuna, com o sacrifício do povo que representavam. Mas, possivelmente este escândalo não passou de uma simples “marola”, que se perdeu no passado de nossa fraca memória!

Hoje, neste país, temos um Congresso e uma Câmara de Deputados que legislam somente em favor de seus interesses, com aumento de impostos, de emendas no orçamento, balcão de negociatas a serviço de empreiteiras, da jogatina e de bicheiros. As sessões plenárias são realizadas duas vezes por semana, regadas de mordomias e dinheiro a rodo, por tão poucas horas trabalhadas.

Políticos que encantam seus eleitores, como se fossem mágicos, mas os deixam reféns de promessas não cumpridas e de esperanças que se evaporam. Mas a cada ano de eleição se renovam, repetindo o mesmo filme, como os mesmos atores, comediantes e palhaços, num espetáculo decadente.

Usam o ópio do ilusionismo, que deixa o povo petrificado ao alcance de suas voracidades eleitoreiras. Ao se elegerem, conseguem também eleger seus filhos, mulheres e amantes, para outros postos mais ou menos elevados, profissionalizando seu múnus público, tornando-o permanente. Após, se aposentam, na expectativa de exercer um cargo público, podendo ser num Tribunal, nem que seja de Contas ou de outra modalidade, esquecendo daqueles que os elegeram, num novo vôo e de interesses, consolidando o seu patrimônio e dos seus familiares.

Mas o que causa espécie e surpresa, é o fato de políticos não encantarem e espoliarem só a população, que é a massa de manobra. Alguns nunca frequentaram “o Mobral”, são analfabetos de pais e mães. Eles também invadem, com seus trejeitos e promessas, outras áreas de corporações poderosas, em número de integrantes e de força política, como o CPERS e a Associação de policiais civis e militares, que permutam seu voto, para que o político melhore seus proventos e condições de trabalho. Ao ser eleito, o que acontece? Esquecem os vis degraus que antes galgaram.

Vejam os que percebem um militar! Quanto ganha uma professora! E o policial civil! Todos são empapados, num verdadeiro estelionato eleitoral. A população é vitimizada, é ela quem paga a conta, democratizando a miséria, na sobra e nos restos dos que são melhor aquinhoados!

Para quê? Para pagar e sustentar os políticos que, como aparece na contabilidade, ganham a melhor remuneração do mundo, comparado com outros países.

E não sentem nenhum constrangimento em descumprirem a palavra empenhada, nem se envergonham de aumentar os seus próprios salários e vantagens, enquanto a maioria da população vive no desconforto, dividindo o que resta do pão sobre a mesa com as misérias do mundo.

Vejam os que diz a Organização Transparência Brasil, em reportagem do Bom Dia, Brasil! da rede Globo, que depois foi tirado do ar:

a) "Um minuto trabalhado por um político brasileiro é de onze mil trezentos e quarenta e cinco reais."

b) Por ano, cada Senador não recebe menos de 33 milhões de reais.

c) O custo anual de um Deputado é de seis milhões e seiscentos mil reais.

d) Os valores gastos com o Congresso causam ainda mais espanto, quando comparados a países mais ricos que o Brasil, se fizermos a média dos custos de Deputados e Senadores.

e) No Brasil, cada parlamentar ganha dez milhões e duzentos mil reais. Na Itália três milhões e novecentos mil reais. Na França dois milhões e oitocentos mil reais. Na Espanha oitocentos e cinquenta mil reais. Na Argentina, um milhão e trezentos mil reais.

Este custo se repete nas Assembleias Legislativas. E o pior exemplo vem de Brasília: cada um dos 24 Deputados Distritais custa, por ano, quase 10 milhões de reais.

Os vereadores do Rio e de São Paulo custam, cada um, 5 milhões de reais. Ou seja, cada vereador percebe mais de 40 mil por mês.

Talvez, quem ler o que está escrito, não acredite. Vale mais a pena acreditar no político, em suas falsas afirmações e na sua demagogia. Assim não sofremos tanto, acreditando em Papai Noel e que os políticos são uns santos.

As eleições se repetem com iguais promessas, as desculpas são as mesmas.

Até reagirmos, estaremos órfãos de representantes e de homens honrados, que não se deixem atemorizar pelo sistema e pela maioria corrupta.

Não conseguiremos mais fazer uma Revolução Farroupilha ou Federalista, mas estamos à espera de um líder de caráter, que direcione o povo, em busca de uma melhor representação, que se dispá dos interesses pessoais, que não acumule riquezas e consiga trabalhar em favor de um novo Brasil e dos brasileiros, para que possamos acreditar neles. Esperamos que esse sofrimento seja uma nuvem passageira e que os urubus, em breve, deixarão o poder, para que possamos confiar nas pessoas e ter representantes honestos, comprometidos com a ética e com a palavra empenhada.

Estamos à espera de um milagre e de uma revolução pela palavra, a fim de que ela conduza a uma reforma de caráter, de políticos e de eleitores, porque na verdade, a maioria dos políticos são escolhidos pelo próprio povo que, infelizmente, tem a mesma formação e o mesmo defeito de fábrica e de personalidade, que pensam como os políticos e se deixam enganar, acreditando que eles não roubam do povo, mas sim do Estado, quando é cada um de nós que paga a conta e sustenta todas as mazelas de uma Nação que, neste

momento da vida pública, só produziu pigmeus, que poderiam ser maiores e melhores, mas não sabem a força que tem. Preferem rastejar a levantar e escolher os melhores.

Chegam a esquecer em quem votaram. Que país é este? Ainda é tempo de reagir e se indignar, se cada um fizer sua parte, e a imprensa, em sua totalidade, não só uma parcela, continuar a divulgar as maracutaias e cobrar retidão e atitude.

Amargo é este artigo, mas é a realidade que vivemos na atualidade. Cada um cumprindo o seu dever, em breve teremos um novo país, para que as gerações vindouras não se envergonhem de nossas atitudes dúbias e omissas. Pensem! Reflitam! E tenhamos coragem de separar o joio do trigo, o feio do belo, o ruim do bom. E aprendam a votar!

Saibam distinguir os falsos messias e os políticos de carreira e os carreiristas. Digam “não” a eles! Nós todos esperamos, que um dia, seja colocado como matéria obrigatória, nos currículos escolares, a cidadania, a ética, a moral e o civismo!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 02/11/2007

Título : Uma Viagem de Saudade e de História

Categoria: Artigos

Descrição: Na sexta feira, finados, me dediquei a visitar no campo santo as pessoas que já se foram de nosso convívio material, mas permanecem em nossa saudade, levei umas flores ...

Uma Viagem de Saudade e de História

Jabs Paim Bandeira

Na sexta feira, finados, me dediquei a visitar no campo santo as pessoas que já se foram de nosso convívio material, mas permanecem em nossa saudade, levei umas flores para meu filho Jabs falecido em 1992, lembrando algumas de suas passagens efêmeras dessa vida, especialmente as qualidades, entre as quais de não guardar rancor, era alegre e comunicativo, deve ser algum anjo hoje no céu, ele está enterrado junto com meu pai, um homem que só soube trabalhar, pedreiro era sua profissão. Depositei flores no túmulo de minha mãe, onde está enterrada a avó Maria, uma mulher de personalidade forte e bem determinada, nos seus um metro e cinqüenta e cinco centímetros de altura, ali também está enterrado Fredolin Paim, um homem inteligente e capaz que instituiu a 1ª Rodoviária do Estado.

Após fui levar flores ao jazigo dos Battisti, onde estão enterrados os avós da Geovana. Passei pelo jazigo do Dr. Nelson Silva, o maior advogado que conheci e dele muito aprendi, sendo grato por seu legado de dedicação ao direito e o saber.

A chuva caía com intensidade, naquela manhã, parecendo que cada pingo ligava o passado ao presente, dediquei aquele tempo a rever onde estavam enterrados meus parentes e amigos. Fui ao túmulo de Prestes Guimarães, uma bela obra em mármore, construída pelos amigos do general, que o chamavam de heroe, e que de fato foi. Está abandonado, merece uma atenção, não só pela obra, mas onde repousa um dos esteios da liberdade. Estive no jazigo do Dr. Antonio Azambuja, grande advogado, criador do bairro São José, o qual doou substancial área para edificação do campus da UPF. Ali está enterrado saudoso médico Telmo Ilha, genro de Azambuja, cuja competência era reconhecida além fronteira, grandes amigos, embora a diferença de idade, muitos bons e belos conselhos ouvi do primeiro que me foram úteis pela vida afora.

Obras de arte edificadas no cemitério da Vera Cruz, em mais de dois séculos, algumas conservadas outras abandonadas, à medida que seus descendentes foram morrendo, sem ninguém para cuidar ou embelezar, em cada dia de finados. Lá se encontra sob os umbrais daquelas urnas a verdadeira história de Passo Fundo e do Rio Grande, famílias inteiras que através de gerações construíram nosso município, cujos nomes estão registrados no frontispício de cada mausoléu, revivendo parte de nosso progresso, como Pindaro Annes, Pedro Menegol, Gervasio Annes, Wolmar Salton, Múcio de Castro, Cafrune, Túlio Fontoura, Lalau Miranda, Antonio Donin, Celso Fiori, Carlos Galves e Maria Fialho. Centenas de homens e mulheres, as quais nossa gente deve tributo de amor e saudade, por terem construído as picadas do desenvolvimento quer material ou de liberdades e de resgate de cidadania para seus descendentes que herdaram uma pátria livre e democrática, muito embora, atualmente com prenhes de saqueadores de verbas do povo que merece nosso repúdio e enérgica resposta.

02/11/2007

Jabs Paim Bandeira